

Universidade de Coimbra
Faculdade de Ciências e Tecnologia



Reconversão da penitenciária e a sua reinserção urbana

Museu da Resistência

Paulo Alexandre Monteiro Lima

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

Apresentada ao

Departamento de Arquitectura da FCTUC

Sob a orientação científica do Professor Doutor João Mendes Ribeiro

Reconversão da penitenciária e a sua reinserção urbana

Museu da Resistência

JULHO DE 2010

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de citar Aristóteles, que dizia, “o homem é um ser social”, isso vem de encontro à necessidade que temos de conviver, partilhar e acima de tudo pela capacidade de entreaajuda.

Como não podia deixar de ser, envio um profundo obrigado aos meus pais e minhas irmãs pelo amor, carinho e por tudo que me deram nessa vida, pela oportunidade de um sonho.

À Sara um obrigado especial, pelo apoio, paciência e pela sua presença.

Ao Professor Doutor João Mendes Ribeiro pelas suas sábias palavras, paciência e empenho na orientação deste trabalho.

Ao Jeremias, Marco, Gilson, Yuri, Claudete, Jota, Gerson, Miguel, Nazário, todos com quem tive a oportunidade de partilhar todos os momentos no dARQ.

Ao arquitecto Pedro Ramos, à arquitecta Sylvie Dubeau e ao Dr. Dirk Riedel que deram um enorme contributo na recolha de material necessário.

Ao Victor Barros, pela enorme disponibilidade e apoio.

Enfim, apetece-me dizer, obrigado Coimbra, a todos com quem tive oportunidade de conhecer nessa cidade dos estudantes, que directa ou indirectamente me proporcionaram esse momento.

Índice

Resumo	11
Abstract	13
Introdução	17
1. Arquitectura da penitenciária.....	21
1.1 As primeiras instituições.....	23
1.2 Modelos penitenciários.....	33
1.2.1 Panóptico de Bentham.....	33
1.2.2 Poste telegráfico.....	35
1.2.3 Sistema pavilhonar	37
2. Reconversão da penitenciária	41
2.1 Reconversão	43
2.2 Património	49
2.3 Museu – novo programa	53
2.4 Penitenciária de Recife – Brasil	57
2.5 Penitenciária de Badajoz – Espanha.....	63
2.6 Campo de concentração de Dachau – Alemanha.....	67
3. Campo de concentração do Tarrafal.....	73
3.1 Enquadramento geral	75
3.2 Tarrafal – situação geográfica	75
3.3 Campo do Tarrafal.....	81

4. Museu da resistência.....	103
4.1 A proposta – memória descritiva.....	105
Conclusão	118
Desenhos	127
Campo de concentração do Tarrafal em 1936	
Campo de concentração do Tarrafal em 1947	
Existente	
Planta de implantação (escala 1:).....	
Planta de cobertura.....	
Planta do campo	
Cortes e alçados.....	
Proposta	
Planta de cobertura	
Planta do campo (Piso 0)	
Planta do campo (Piso 0) - demolir/proposta	
Planta do campo (Piso -1).....	
Cortes e alçados.....	
Cortes e alçados - demolir/proposta	
Planta de percursos.....	
Planta público/privado	
Bibliografia.....	128
Fonte das imagens	147
Anexos	149

Resumo

O presente trabalho aponta para uma reflexão acerca da problemática da reconversão e a sua influência nos edifícios das antigas penitenciárias, com intuito de analisar as vantagens e desvantagens dessa intervenção, e acima de tudo perceber até que ponto é possível tal situação, no confronto do novo com o antigo.

A metodologia assenta no conhecimento da história da arquitectura da penitenciária, como ela se desenvolveu ao longo do tempo e deste modo cruzá-la com as teorias da reabilitação ou mesmo da reconversão tendo em vista a preservação da memória do edifício e na adequação a um novo programa, que por sua vez possa servir de suporte na procura de uma solução viável de museu para a antiga prisão do Tarrafal salvaguardando desta feita um património histórico mundial.

Palavras-chave:

Antiga prisão do Tarrafal, campo de concentração, museu, penitenciária, reconversão.

Abstract

In order to analyze the advantage and the disadvantage of this intervention and thus the putative marriage between the old and the new, the main focus of the present study involves a reflexion on the conversion issue and more over its influence in the old penitentiary buildings.

So the employed methodology is based on the knowledge of the prison architectural history as well as it's development throughout time. This made the cross between the theories of rehabilitation and even reconversion possible, preserving the memory of the building and adjusting to a new program. The foundations for a viable solution for the museum Tarrafal's former prisons are now being settled leading to the preservation of this world's historical patrimony.

Keywords:

Tarrafal's former prison, concentration camp, museum, penitentiary, reconversion.

Introdução

Introdução

Desde o início do curso em Arquitectura comecei a tomar consciência do acto de projectar, passando do básico ao mais complexo e desse longo percurso pude perceber realidades que antes não estavam ao meu alcance, que a arquitectura vai muito para além do bonito, do genial, mas sim, essencialmente preocupa-se com uma vasta conjuntura no que toca à vivência do ser humano. Do leque de teorias ou conceitos arquitectónicos há um que me despertou particularmente atenção, que é a reconversão, reconverter algo, torná-lo quiçá num novo objecto ou espaço, e é esse o poder que o arquitecto tem que me fascina e que me serve de motivação para poder dar continuidade a esse papel do arquitecto no dia-a-dia.

A escolha do tema “Reconversão da penitenciária e a sua reinserção urbana” surge a partir de vários factores. Em primeiro lugar prende-se com a necessidade de reconversão, ou seja, hoje em dia há milhares de construções novas ou antigas, mas todas elas com um mesmo objectivo. Aquilo que se considera “velho ou antigo” não é para ser descartado, muito pelo contrário, muitos desses edifícios têm um valor primordial numa determinada época e hoje em dia devido a um grande aumento de construções, diga-se de passagem, começam a escassear áreas disponíveis ou terrenos vagos e a melhor solução para combater esse problema está relacionada com o conceito da reconversão que nos leva por conseguinte à reinserção de um determinado edifício. O conceito “reconversão” é algo que sempre me suscitou um grande interesse não só porque a conjuntura actual permite e torna-o necessário como

também devido à sua grande complexidade no plano arquitectónico, baseando-se no limiar do novo e do antigo.

Outro factor de enorme influência na escolha do tema é a arquitectura da penitenciária em si, mais precisamente a antiga prisão do Tarrafal, ou seja, a partir de uma certa fase da vida temos a necessidade de questionar acerca de vários problemas ou várias questões relacionadas com o nosso meio, tudo aquilo que nos envolve. Sendo a prisão do Tarrafal um edifício de enorme importância na história do meu país, Cabo Verde, importa ser pensada e valorizada como tal, não ser vista como algo que não interessa no mundo actual, simplesmente algo que teve uma importância no passado e hoje caiu no esquecimento de todos.

A dissertação subdivide-se em quatro capítulos essenciais. No primeiro, aborda-se a arquitectura da penitenciária, melhor dizendo, desde a origem da prisão, como surgiu o acto de aprisionar, a necessidade de criarem um espaço de punição, as primeiras instituições, a vida dos presos, ou seja, vários factores que influenciam fortemente a relação homem/prisão. No segundo capítulo o essencial debate-se com as questões da reconversão, o porquê? Como fazer? Exemplos de reconversões, é possível? Até que ponto? Quais são os limites consideráveis? Como se pode ver também aqui o leque de sugestões é enorme. E por último, no terceiro e quarto capítulo respectivamente, focalizando-se no meu objecto de estudo, antiga prisão do Tarrafal, importa conhecer o país Cabo Verde, o concelho, Tarrafal e por fim a prisão. Abordando questões relacionadas com os presos, com a arquitectura da prisão, com os hábitos, etc, tendo em vista a realização de uma proposta de estudo, que passa por readaptar um museu a esse edifício. Um museu, porque como se pode ver mais adiante, não só se trata de um programa interessante em termos de arquitectura ou mesmo numa fácil adaptação ao meio, como também passa por uma estreita relação com a antiga prisão e dá um contributo enorme ao país em termos culturais.

1. Arquitectura da penitenciária

1.1 As primeiras instituições

A ideia que temos de “prisão” ou “penitenciária”¹ dos dias de hoje, nem sempre teve essa conotação ao longo do tempo, contudo, importa fazer uma breve abordagem histórica do tema em questão.

Sabe-se muito pouco das primeiras prisões. Não eram necessárias nas sociedades pouco desenvolvidas. À medida que cresce a vida colectiva, a prisão aparece localizada nos palácios dos reis, dependências dos templos e fortalezas que cercavam as cidades, nos castelos senhoriais, em fossas baixas, em buracos e em gaiolas de madeira, onde os acusados eram amarrados².

A prisão como um espaço de cumprimento de uma pena só começou a ser vista como tal a partir do séc. XVIII e teve a sua origem nas igrejas. Levanta-se a seguinte questão: como e onde surgiram as primeiras prisões?

O espaço é utilizado como meio de prevenção comum a todas as teorias, na medida em que é o instrumento utilizado para a aplicação da pena, o desenho arquitectónico e a reestruturação urbana procuram neutralizar o elevado risco que ostentam esses espaços³.

¹ Prisão: espaço onde o sujeito é confinado. A expressão penitenciária tornou-se mais usual, uma vez que com o passar dos tempos o espaço deixou de ser visto apenas como um espaço de punição, também como um espaço regenerador, “penitência” ressocialização do indivíduo.

² LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de – Arquitectura da penitenciária: a evolução do espaço inimigo [Em linha]. [Consult. 2 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.suzanncordeiro.com/arquitetura-penitenciaria-a-evolucao-do-espaco-inimigo>>

LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de – A função social do espaço penitenciário [Em linha]. [Consult. 28 Novembro 2009] Disponível em WWW: <URL: http://btdt.ufal.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=62>

As “muralhas” em termos construtivos, simbolizam o monumento máximo de exclusão social, onde as duras realidades ocorridas no seu interior se escondiam por detrás destes muros. Normalmente situadas em locais completamente isolados e desertos, as prisões deveriam representar o símbolo do direito de punição do Estado⁴.

Na antiguidade os cativeiros existiam desde 1700 a.C-1280 a.C. para que os egípcios pudessem manter sob custódia os seus escravos.

Por volta de 525 a.C., os lavradores eram requisitados para construírem as obras públicas e cultivarem as terras do faraó, proprietário de toda a terra do Egipto e toda a riqueza, que repousava no trabalho dos lavradores. Quem não conseguisse pagar os impostos ao faraó, em troca de construção de obras de irrigação e armazenamento de cereais, tornava-se escravo. Assim como no Egipto, Grécia, Pérsia e na Babilónia, o acto de encarcerar tinha como finalidade de manter sob custódia e tortura os que cometiam faltas, ou praticavam o que para a antiga civilização fosse considerado delito ou crime⁵.

Os locais que serviam de clausura, eram diversos, desde calabouços, aposentos em ruínas ou insalubres de castelos, torres, conventos abandonados, enfim, toda a edificação que proporcionasse a condição de cativo⁶, lugares que preservassem o acusado ou “réu” até o dia do seu julgamento ou execução⁷.

Essa forma de actuar na antiguidade manteve-se na mesma durante a idade média, até aqui é importante salientar que a “arquitectura da penitenciária” não existe, ou seja, até então não foi construído qualquer edifício com essa função, idealizado em prol desse conceito.

⁴ MISCIASCI, Elizabeth – [A primeira prisão e como surgiram os presídios](http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm) [Em linha]. [Consult. 5 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>

⁵ Idem

⁶ Cativo: espaço sem as mínimas condições, geralmente subterrâneos, sem portas, pouca iluminação e sem ventilação

⁷ MISCIASCI, Elizabeth – [A primeira prisão e como surgiram os presídios](http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm) [Em linha]. [Consult. 5 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>



Figura 1 – Exemplo de um convento que servia de cativoiro

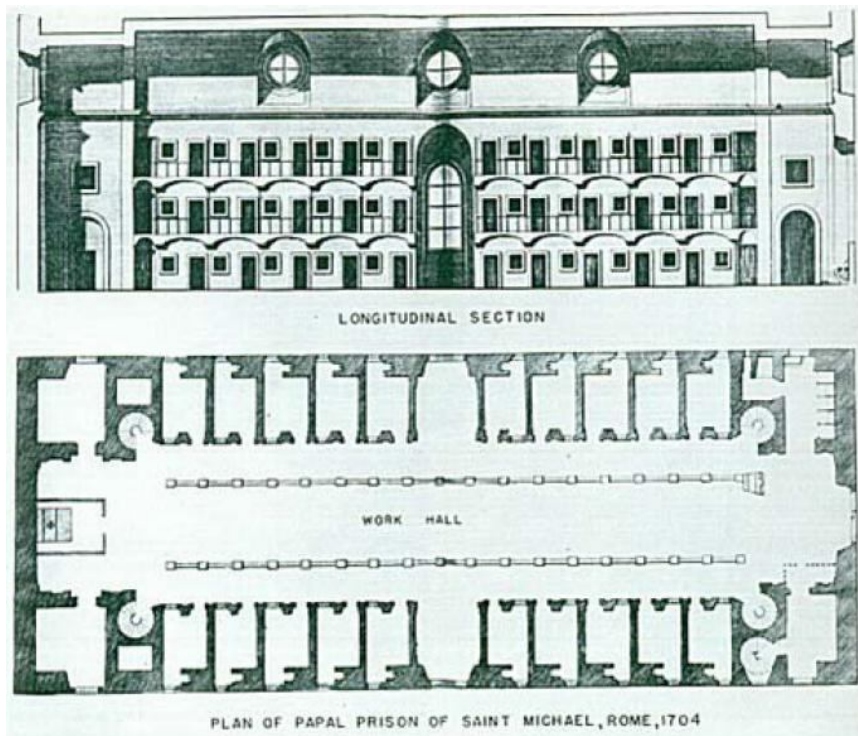


Figura 2 – Corte e planta do Hospital de San Michele (Itália)

Na antiguidade, a primeira instituição penal foi o Hospital de San Michele (prisão) em Roma, a qual era destinada a encarcerar "jovens delinquentes", o protótipo do regime celular e dispo de celas com janelas para o exterior, dando início ao surgimento das chamadas House of Correction⁸.

Das grandes prisões de estado que cumpriram a sua função durante a idade média e a época moderna, mencionam-se a White Tower de Londres, o castelo de Endelburg, a Bastilha e o Schluselburg⁹.

Dentro da maior diversidade arquitectónica, estes lugares fortificados serviram ao mesmo tempo para a defesa dos inimigos exteriores e para o encerramento. O que é sólido e seguro defende dos que estão fora e guarda os que estão dentro. Este foi o princípio básico das grandes e antigas prisões do Estado¹⁰.

A pena de prisão teve a sua origem nos mosteiros da idade média, "como punição imposta aos monges ou clérigos considerados culpados, fazendo com que se recolhessem às suas celas para se dedicarem, em silêncio, à meditação e se arrependem do crime cometido, reconciliando-se com Deus"¹¹.

Essa ideia inspirou a construção da primeira prisão destinada ao recolhimento dos criminosos, a House of Correction, construída em Londres entre 1550-1552, difundindo-se de modo marcante no século XVIII.

Esse modelo de House of Correction¹² espalhou-se por todo o mundo desenvolvendo assim o seu carácter desumano. Vejamos as primeiras prisões que surgiram como sanção penal e o ano de sua criação segundo Edmundo Oliveira: "Em Londres 1550, Amesterdão 1595 e 1597, em Bremen na

⁸ MISCIASCI, Elizabeth – A primeira prisão e como surgiram os presídios [Em linha]. [Consult. 5 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>

⁹ TRIGUEIROS, Maria Conceição Bidarra de Melo – **Da prisão à cidade punitiva, utopia e realidade**. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2000. Tese de Doutoramento p.51

¹⁰ Idem

¹¹ MISCIASCI, Elizabeth – A primeira prisão e como surgiram os presídios [Em linha]. [Consult. 5 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>

¹² Casas de Correção: criadas com o intuito de recuperarem esses tais criminosos, devolvendo-os à sociedade.



Figura 3 – White Tower (Londres) – antigo baluarte normando

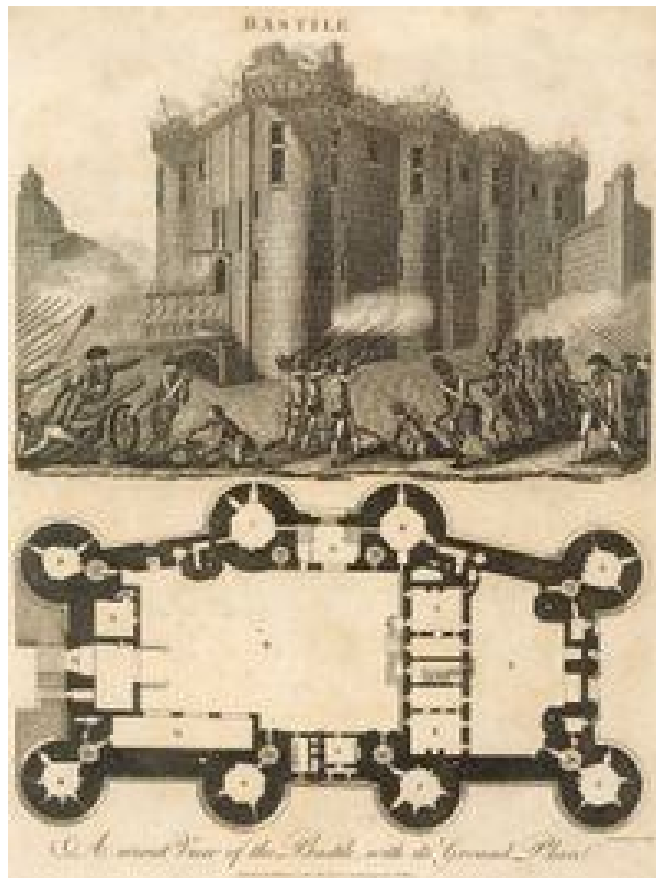


Figura 4 – Edifício da antiga Bastilha (França)

Alemanha em 1609, Lubeque 1613, Hamburgo 1622, Roma 1703, na Bélgica 1775 (...).¹³

Na idade média, a noção de liberdade e respeito pelo indivíduo não existia e as pessoas ficavam ao livre arbítrio, mercê dos detentores do poder que, por sua vez, se debatiam com grandes instabilidades, típica de estados que se tentavam organizar institucionalmente. A prisão foi sempre uma situação de perigo elevado e, muitas vezes, um estado prévio à extinção¹⁴.

Arquitectos e técnicos propõem e comentam, desde há muito, a natureza do cárcere ou prisão ideal, instituição que até ao séc. XVI, se constitui num local de encerramento, de armazenamento de pessoas¹⁵.

Foi durante a idade moderna que se desencadeou mudanças significativas em relação ao conceito de aprisionamento.

Entre os séculos XVI e XVII a Europa viu-se devastada por uma onda de pobreza, aumentando conseqüentemente a taxa de criminalidade, de furto e delitos comuns. Tais situações juntamente com algumas preocupações acerca dos direitos humanos verificadas nessa época fizeram com que houvesse uma necessidade de criarem espaços apropriados e dignos onde esses tais infractores pudessem ficar, pelo menos até que fossem declarados culpados ou não.

Vários pensadores, filósofos e analistas questionavam acerca dessa dicotomia direitos humanos/criminosos e foram à procura de soluções viáveis que pudessem suplantar essa questão.

¹³ PFALLER, Petra – *Uma sociedade sem Prisões?* [Em linha]. [Consult. 29 Dezembro 2009] Disponível em WWW: <URL: <http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/6fa67f1df12d95f6757710793eefd839.pdf>>

¹⁴ TRIGUEIROS, Maria Conceição Bidarra de Melo – *Da prisão à cidade punitiva, utopia e realidade*. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2000. Tese de Doutoramento p.49

¹⁵ Idem

Passados alguns anos essa preocupação começou a dar frutos, criaram os sistemas penitenciários, com o intuito de tentarem resolver vários problemas relacionados com a prisão e o aprisionar em si, tendo a sua origem nos Estados Unidos, servindo de referencial por todo o mundo.

A segurança do indivíduo e a sua reinserção social são os pontos essenciais subjacentes aos sistemas penitenciários, em que cada sistema procura tirar um máximo proveito dessas tais situações.

1.2 Modelos penitenciários

1.2.1 Panóptico de Bentham

Dos vários sistemas ou modelos de penitenciária destaca-se o panóptico de Bentham¹⁶, reconhecido por muitos como sendo o modelo ideal de segurança e controle das penitenciárias. Era visto mais como um modelo de arquitectura de que um sistema penitenciário propriamente dito.

O panóptico era um edifício com um pátio e uma torre ao centro, formando uma espécie de anel que subdivide-se em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Por terem essa relação de transparência não havia possibilidade de existir um ponto de sombra sequer, possibilitando aos guardas uma visão total do interior das celas.

Segundo Michel Foucault¹⁷, *o sistema panóptico induz ao detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento autoritário do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente nos seus efeitos... (...)*¹⁸

O panóptico organiza espaços de tal forma que os guardas vigiam os presos sem serem vistos, garantindo deste modo uma determinada ordem. Pode-se afirmar que o panóptico utiliza os mecanismos de níveis psicológicos como

¹⁶ Jeremy Bentham (1748-1832) filósofo utilitarista inglês, em 1789 concebeu o Panóptico que foi pensado como um projecto de prisão modelo.

¹⁷ Michel Foucault (1926-1984) filósofo francês. Todo o seu trabalho foi desenvolvido em uma arqueologia do saber filosófico, da experiência literária e da análise do discurso. Seu trabalho também se concentrou sobre a relação entre poder e governamentalidade, e das práticas de subjectivação.

¹⁸ OLIVEIRA, Fernanda Amaral de – *Os modelos penitenciários no séc. XIX* [Em linha]. [Consult. 18 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.virtu.ufjf.br/artigo%206%20a%201.pdf>>

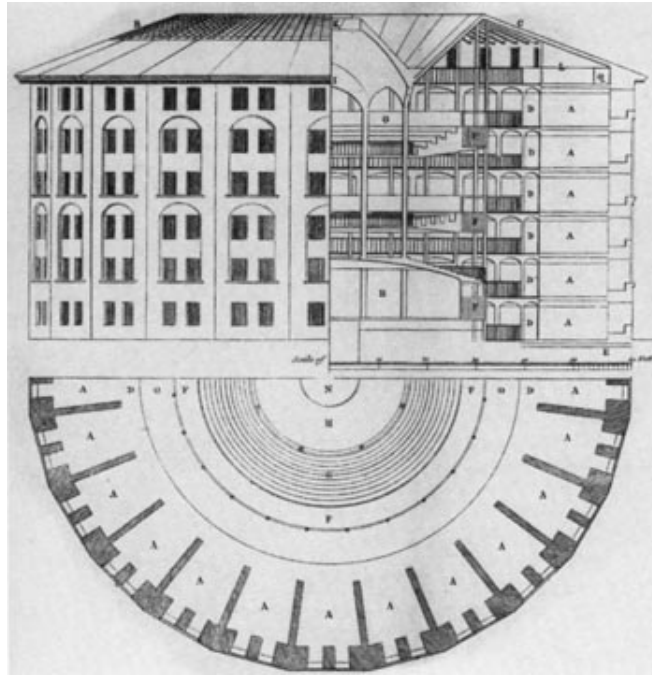


Figura 5 – Planta e corte/alçado do panóptico de Bentham

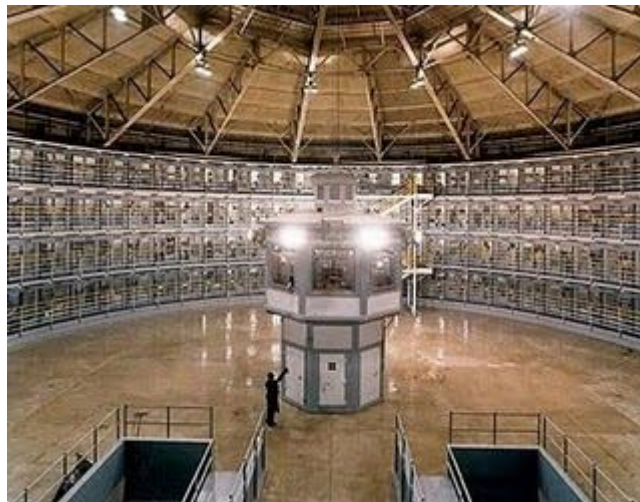


Figura 6 – Interior da penitenciária de Stateville (Estados Unidos)

forma de evitar qualquer violência física como meio de segurança, baseando-se essencialmente na centralidade¹⁹.

Para Bentham essa forma de actuar não se limitava apenas à arquitectura da penitenciária, mas sim em vários outros edifícios públicos que necessitam de uma determinada vigilância, ou seja, que se alimentam dessa relação de controlar e ser controlado, tais como, a escola, o hospital etc.²⁰

Apesar dos verdadeiros panópticos nunca terem sido construídos, até por dificuldades na execução do complexo sistema construtivo proposto, as possibilidades sugeridas por esta solução haveriam de inspirar a estrutura compositiva de numerosos edifícios prisionais por todo o mundo²¹.

O panóptico tornou-se assim a base dos projectos de prisões por se tratar da forma mais directa de tornar a arquitectura transparente à gestão do poder, de permitir que a força fosse substituída por uma vigilância sem falhas.

Nesse e em muitos outros casos é visível que a arquitectura funciona como uma interface de relações entre o espaço e os seus intervenientes, adoptando uma estratégia e dinâmica necessária à essa conjugação²².

1.2.2 Poste telegráfico

Em 1898 foi utilizada em França uma nova solução compositiva na prisão de Fresnes, da autoria de Francisque Henri Poussin, que ficaria conhecida com a designação de “poste telegráfico” ou “espinhal”. Consistia na implantação de vários blocos celulares dispostos paralelamente ao longo e de ambos os lados

¹⁹POMBO, Olga – Panóptico [Em linha]. [Consult. 21 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/Panóptico.htm>>

²⁰ Idem

²¹ GAMITO, Ana Maria Baião – **Arquitectura Prisional em Portugal. A utopia carcerária**. Coimbra : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.10

²² SUN, Érika Wen Yih – Pena, Prisão, Penitência [Em linha]. [Consult. 30 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4309>



Figura 7 – Prisão de Fresnes (França)

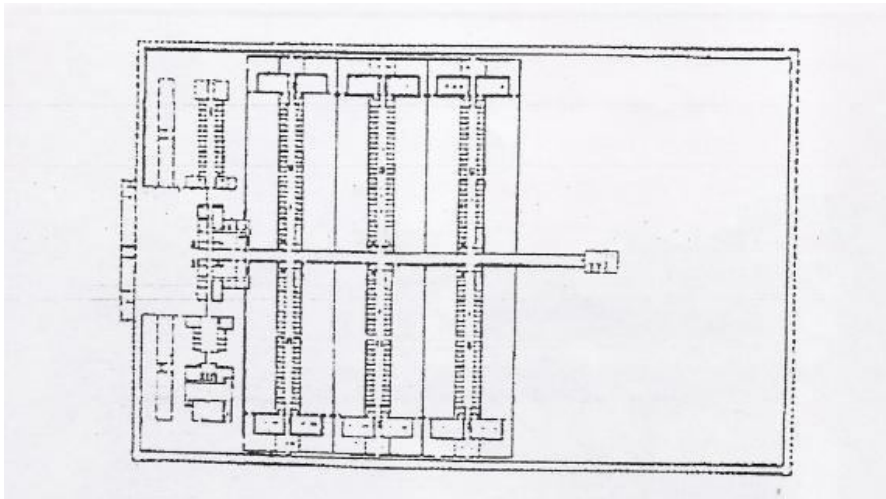


Figura 8 – Projecto da prisão de Fresnes (França)

de um percurso que os ligava e que constituía o eixo estruturador da composição²³.

Numa altura em que prevalecia as soluções radiais do tipo panóptico a solução de Poussin apresentava evidentes vantagens no que toca à orientação solar das celas²⁴.

A utilização de um só eixo estruturador não deixa de ser uma enorme vantagem, quer no que toca à dinâmica do edifício quer na facilidade de comunicação de um espaço para outro. Tendo como base a prisão de Fresnes, surgiram várias outras nos Estados Unidos, de outros arquitectos com o intuito de fortalecerem mais o conceito em si, na procura de uma espécie de complemento.

Esse modelo acabou por não funcionar em pleno, uma vez que, em caso de rebeliões ou qualquer outro conflito que fosse, numa das alas, alastrava com facilidade para os restantes espaços.

1.2.3 Sistema pavilhonar

De entre os vários exemplos posteriores destaca-se a prisão de Lewisburg (1932) do arquitecto Alfred Hopkins que adopta um novo estilo compositivo, num jogo de adições, em que tira proveito da ideia da espinha, mas separa completamente os pavilhões originando um novo modelo prisional: o sistema pavilhonar²⁵.

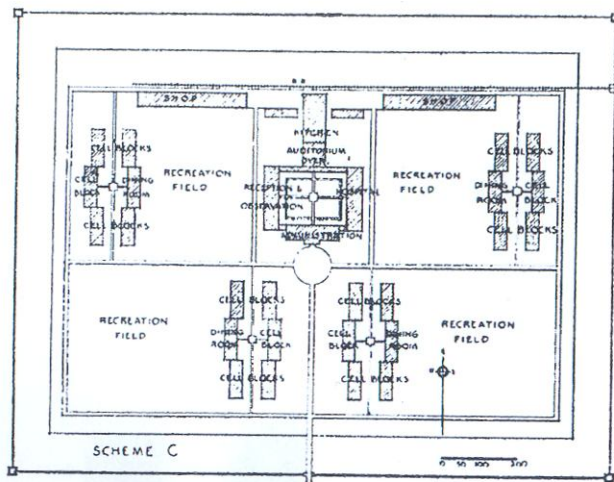
²³ SUN, Érika Wen Yih – Pena, Prisão, Penitência [Em linha]. [Consult. 30 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4309>

²⁴ Idem

²⁵ GAMITO, Ana Maria Baião – **Arquitectura Prisional em Portugal. A utopia carcerária**. Coimbra : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.30



Figura 9 – Prisão de Lewisburg (Estados Unidos)



[32] Lewisburg. Um dos três projectos de Hopkins (não construído)

Figura 10 – Projecto da prisão de Lewisburg (Não construído)

Nessa época, os Estados Unidos era visto como um campo de experimentações dos europeus. Fizeram dos Estados Unidos um laboratório, não só de experiências teóricas como também essencialmente práticas, onde se exploravam tudo que se relacionasse com a arquitectura prisional, para mais tarde colherem os seus frutos. Foram desenvolvidas várias tipologias compositivas americanas através de adaptações e misturas de situações na procura de uma solução "ideal" ²⁶.

Esse modelo surgiu com o intuito de evitarem as rebeliões, criando pavilhões distintos e isolados entre si.

Um edifício prisional pavilhonar, resultante da adição de pavilhões, permite reagrupar os presos de pavilhão em pavilhão consoante as suas características ou seja, de isolar os núcleos, apesar de dificultar um pouco a segurança do edifício, mantém de antemão o eixo estruturador que dá continuidade à dinâmica estrutural da própria prisão.

²⁶ GAMITO, Ana Maria Baião – **Arquitectura Prisional em Portugal. A utopia carcerária**. Coimbra : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.31



Figura 11 – Esquema de uma penitenciária pavilhonar

2. Reconversão da penitenciária

2.1 Reconversão

“...as prisões do mundo antigo desapareceram. As da antiguidade recente e as da Europa medieval caíram na ruína, foram recicladas para outros usos ou preservadas como museus.” ²⁷

Na actualidade tem se debatido questões de extrema importância no que toca às prisões. Se antes as suas localizações nas cidades tinham um papel central, hoje pode-se afirmar que estamos perante uma situação inversa, ou seja, elas estão a ser construídas afastadas dos grandes centros.

Leva-nos a pensar, até que ponto pode-se resolver essa questão? É viável? Quais são as vantagens? Que consequências? Como se pode ver, há inúmeras questões acerca dessa descentralização das penitenciárias.

Uma das formas de resolver uma parte desse “problema” está relacionada com o conceito da reconversão, melhor dizendo, reconverter essas antigas prisões em novos programas, readaptar o edifício a um novo uso, funcionando como um espaço de memória.

Nos últimos anos nasceram e floresceram vários projectos museológicos que converteram e recuperaram esses antigos espaços em museus, espaços esses cujas características arquitectónicas foram valorizadas e adaptadas para actividades culturais, recreativas ou educativas²⁸.

A mais importante valorização desses espaços de memória social através da sua musealização é, assim, um dos caminhos que aplicado de forma selectiva e

²⁷ TRIGUEIROS, Maria Conceição Bidarra de Melo – **Da prisão à cidade punitiva, utopia e realidade**. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2000. Tese de Doutoramento p.37

²⁸ COLÓQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL – **Reconversão e musealização de espaços industriais**. Porto : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003.

com visão cultural, pode possibilitar que essa herança do saber fazer dos nossos antepassados seja preservada para as novas gerações²⁹.

Com uma demanda crescente de penitenciárias públicas que atendam os objectivos da sociedade, pesados investimentos vem sendo feitos na construção de novas penitenciárias em todo o mundo. Discutem-se com maior frequência, por exemplo, a necessidade de desinstalação das unidades penais dos centros urbanos e, conseqüentemente, a sua reinstalação em zonas periféricas. Investe-se em todo um movimento de revalorização do espaço urbano e, conseqüentemente, de sua reconfiguração onde as penitenciárias não fazem parte deste novo cenário³⁰.

Desde há muito, o conceito de renovação e/ou restauro em edifícios antigos ou zonas históricas causa uma certa polémica, isso porque o limiar entre o antigo e o novo não é fácil de ser controlado, tendo como riscos uma intervenção sem carácter ou do estilo pastiche, baseando-se numa acção descaracterizadora.³¹

Uma das principais razões para se querer preservar um edifício original é poder recuperar a relação entre as pessoas e o espaço no passado, ou seja, dar às pessoas de hoje a oportunidade de experimentarem os espaços de ontem³².

Essa valorização pode revestir-se de várias formas, da simples conservação e restauro dos programas de animação, à musealização e à reutilização para os mais variados fins. Para Françoise Choay³³ “consistindo em reintroduzir um monumento desafectado no circuito das utilizações vivas, em arranca-lo a um destino museológico, a reutilização é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização patrimonial, ou seja, atribuir um novo

²⁹ COLÓQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL – **Reconversão e musealização de espaços industriais**. Porto : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. p.12

³⁰ FERNANDES, Elionaldo – [O sistema penitenciário como fenómeno urbano](http://www.redligare.org/IMG/pdf/sistema_penitenciario_fenomeno_urbano.pdf) [Em linha]. [Consult. 11 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.redligare.org/IMG/pdf/sistema_penitenciario_fenomeno_urbano.pdf>

³¹ ROCHA, Ricardo – [De museus a ruínas: os liames entre o novo e o antigo urbano](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq008/arq008_02.asp). [Em linha]. [Consult. 22 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq008/arq008_02.asp>

³² COLÓQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL – **Reconversão e musealização de espaços industriais**. Porto : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. p.12

³³ Françoise Choay – historiadora das teorias e das formas urbanas e arquitectónicas

programa ao espaço é uma operação difícil e complexa, que não se deve limitar-se a uma mera semelhança com a obra original³⁴.

Essa nova conjuntura faz com que as cidades cresçam, ou seja, a desactivação de uma penitenciária e o renascer de um novo espaço, trás consigo um elevado número não só de turistas visitando a antiga prisão, agora vista como um novo espaço, como também possibilita o surgimento de mais emprego, desenvolvendo por um lado a região em termos sócio-económicos.

Uma intervenção de conservação/reconversão assume-se como uma actuação de carácter estático, onde se procede a uma intervenção mínima cujo objectivo é a preservação do património. Assim, quando o objecto de intervenção é antigo e se encontra em bom estado, mantendo a coerência da organização funcional e das opções construtivas da sua época pode-se recorrer à simples conservação, através de soluções de beneficiação construtiva dentro do seu volume, da sua arquitectura e do seu estilo.

Nesse contexto, a acção do arquitecto define-se através da forma como propõe a conservação dos diversos elementos, tais como, a conservação da fachada, centrando a actuação modificadora no interior do edifício com o propósito de responder às necessidades actuais³⁵.

Os conceitos de conservação e de restauro não devem procurar a reversibilidade do tempo nem a abolição da história, devendo eles próprios estar situados no tempo. Contudo, muitos edifícios não se identificam somente com o tempo da sua criação, evidenciando também o curso da sua história, ficando esta bem patente na sua caracterização arquitectónica.

Uma intervenção de reconversão é uma operação que vai além da simples conservação do edifício existente. A este tipo de intervenção está subjacente uma intervenção de modernização, uma actuação de carácter dinâmica, onde

³⁴ COLÓQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL – **Reconversão e musealização de espaços industriais**. Porto : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. p.12

³⁵ QUEIROZ, Joana Filipa Saavedra – **Pedra sobre pedra: intervir no construído**. Coimbra : [s. n.], 2008. 109 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.48

uma adaptação a novas funções implica a introdução de melhorias a nível estrutural e funcional de modo a assegurar uma utilização conveniente do edifício, dotando-o de utilidade e durabilidade³⁶.

2.2 Património

A questão da intervenção no património arquitectónico surge na segunda metade do séc. XVIII, a par da noção de património histórico. Não só a história modificou a valorização do antigo ao longo dos tempos, como também a modernidade alterou as fronteiras relativas à disponibilidade do próprio património. Face a uma necessidade de um referencial seguro, o Homem olha para o património edificado como um elemento cuja solidez representa estabilidade e articulação entre a tradição e a modernidade³⁷.

Desde o simples valor de antiguidade até a um valor simbólico, o conceito de património evoluiu continuamente, ao longo de tempo, passando por diversas noções. Também o seu próprio estatuto foi alvo de evolução, passando de objecto isolado a um conjunto territorial complexo como a cidade e a paisagem. Neste contexto, há quem defenda que a sociedade deve ter um papel activo em relação ao seu património, no qual tem direito e o dever de intervir, definindo-o e preservando-o da melhor forma. O património constitui uma herança que deve ser transmitida, servindo de testemunho às gerações futuras, transmitindo e preservando as suas características significativas.

Intervir no edifício é intervir no seu contexto envolvente, procurando reflectir o estudo sobre o existente. É necessário ter consciência da sua interactividade com o meio que o envolve, e partir para a descodificação de uma realidade, nem sempre clara e evidente, adquirida ao longo de diferentes gerações. A arquitectura não pode permanecer estática face a uma realidade dinâmica e em

³⁶ QUEIROZ, Joana Filipa Saavedra – **Pedra sobre pedra: intervir no construído**. Coimbra : [s. n.], 2008. 109 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.48

³⁷ Idem,p.40

constante desenvolvimento, pois é parte integrante da sociedade e da sua evolução³⁸.

Um projecto que incide num lugar, num conjunto ou num edifício patrimonial, deve compreender o território, o valor cultural e a história que os caracteriza e que interessa revelar. Assim, qualquer projecto pressupõe uma reflexão que precede a intervenção numa determinada obra.

Quando a análise se restringe à envolvente próxima, valorizam-se somente os aspectos relativos à imagem e à integração morfológica, como o alinhamento dos volumes, a reprodução de elementos arquitectónicos existentes e marcantes nos edifícios vizinhos, a manutenção da escala, a utilização dos mesmos materiais etc. Assim, perde-se e limita-se a investigação arquitectónica, pois as características mais significantes de um território nem sempre se encontram lado a lado com a nossa obra.

Na fase de conhecimento, o primeiro contacto é com a própria história do objecto, desde a formulação do seu programa, ao projecto, à realização e às transformações que o uso o fez sofrer ao longo da sua vida. Contudo, se a análise histórica e crítica do objecto a ser restaurado ocupa uma primeira fase, ela não é tudo. O arquitecto deve aprofundar o seu estudo para conhecê-lo materialmente, de modo a identificá-lo e descrevê-lo claramente, a determinar o estado das patologias, as suas causas e respectivas terapias.

Este conhecimento do objecto, para ser completo e aprofundado implica uma multidisciplinaridade e especialização, pois só assim poderá compreender as relações que o edifício estabelece com a envolvente, qual o seu estado de conservação material, qual a sua história e importância documental, que valor estético possui, valor arqueológico, qual a sua tipologia, etc.

Independentemente da atitude que se adopta perante o contexto, intervir implica actuar conscientemente no processo dinâmico da cidade, o que desde

³⁸ QUEIROZ, Joana Filipa Saavedra – **Pedra sobre pedra: intervir no construído**. Coimbra : [s. n.], 2008. 109 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.45

logo pressupõe a manutenção da estabilidade mínima necessária para que a forma urbana prolongue a sua identidade, conseguida ao longo do tempo.

Na prática, ao construir no construído, é impossível intervir sem intervir. Assim, é importante ter a noção dos limites a que a intervenção se propõe. Quanto maior for o limite físico da intervenção, maior será a zona afectada, para o bem ou para o mal³⁹.

Independentemente dos limites e da intensidade da intervenção, o diálogo novo/antigo, tradicional/moderno, objecto/contexto, deverá ser sempre apoiado numa rigorosa metodologia de trabalho projectual, premissa esta que deveria estar presente em qualquer prática arquitectónica, ou seja, não existem soluções abstractas que valham sempre; é o conhecimento exacto dos problemas e das necessidades que determinam o acerto ou a perversão de uma proposta reabilitadora⁴⁰.

2.3 Museu – novo programa

O museu como catalisador da (re)conversão do tecido urbano considerado degradado, ocupa outra posição, apenas de certo modo periférica, relativamente aos temas. Interessa sobretudo a sua função, até aos seus limites mais alargados parecendo não remeter para um contentor pré-definido como regra⁴¹.

Ao reflectirmos sobre o tema “museu”, entendemos por necessário configurar um enquadramento que possibilite uma mais extensa clarificação de algumas asserções que sobre ele se enunciarão, para o que consideramos inevitável uma leitura de material histórico sem, contudo, ser nosso objectivo formular uma história da arquitectura dos museus.

³⁹ QUEIROZ, Joana Filipa Saavedra – **Pedra sobre pedra: intervir no construído**. Coimbra : [s. n.], 2008. 109 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.46

⁴⁰Idem pag.47

⁴¹ COLOQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL – **Reconversão e musealização de espaços industriais**. Porto : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. p.12.

Nascido na sociedade Ocidental, o museu afirmou-se como uma criação cultural urbana cuja função e importância é desde sempre interrogada, paralelamente à sua progressiva afirmação de lugar de cultura, de conhecimento, de ilusão e metáfora do mundo⁴².

As suas inserções urbanas, as formas e suportes físicos e arquitectónicos que permitiram a espacialização das suas materializações foram, tanto quanto as razões da sua existência, objecto de progressiva descoberta, empiricamente detectada nas primeiras escolhas dos espaços para guardar e expor, evoluídas pela formulação dos desejos programáticos, enumerando as características e qualidades dos novos espaços a criar⁴³.

Um dos principais desafios que se coloca a uma equipa que se proponha constituir uma unidade museológica, usando para tal uma edificação pré-existente, é a adaptação dessa realidade de tal forma que os pressupostos (funcionais e estéticos) do museu não sejam comprometidos⁴⁴.

Se existe um edifício que simboliza o pensamento moderno, este é o museu, tanto as colecções privadas como os grandes museus públicos têm a sua origem no século passado.

O museu nasce ao mesmo tempo que se consolida o pensamento científico e que se publicam os primeiros tratados sistemáticos de história.

A necessidade de conhecer o passado e tê-lo às nossas mãos exposto em vitrinas das galerias demonstra a existência de uma ruptura entre o presente e o passado⁴⁵.

Neste sentido, o museu resulta num edifício revelador e simbólico da mentalidade moderna. Pode e deve ser um edifício destinado a divulgar o saber e estender os conhecimentos sobre uma matéria⁴⁶.

⁴² GUIMARÃES, Carlos – **Arquitectura e museus em Portugal: entre reinterpretação e obra nova**. Porto : FAUP, 2004.

⁴³ Idem

⁴⁴ Idem

⁴⁵ ASENSIO CERVER, Francisco – **A arquitectura de los museos**. Barcelona : Arco Editorial.

⁴⁶ Idem

A arquitectura deve reconhecer as qualidades do lugar, recordar como era a paisagem e só desta forma é que ela poderá criar um espaço habitável e significativo, para o presente e para a memória⁴⁷.

Vejamos a seguir alguns exemplos de antigas penitenciárias que foram transformadas em espaços lúdicos, baseando-se nesse reaproveitamento referenciado anteriormente que mais tarde podem vir a ter de certo modo uma influência, ou não, na proposta final do museu na antiga prisão do Tarrafal. Apesar de serem as três antigas penitenciárias as circunstâncias e intervenções são distintas.

2.4 Penitenciária de Recife – Brasil

A Casa da Cultura, antiga penitenciária do Recife, é um grande Centro da Arte Popular da região de Pernambuco, localizada no bairro de Santo António, nas margens do Rio Capibaribe⁴⁸.

Em 1848 o Governo de Pernambuco, tal e qual na maioria das outras cidades do mundo, resolveu criar uma nova penitenciária para a região⁴⁹.

Dois anos mais tarde, 1850, tal projecto foi concretizado e foi concebido segundo o modelo mais famoso da época, o panóptico de Bentham, considerado por muitos como o sistema ideal de encarceramento, que tinha como princípio básico dispor as celas de forma que os presos fossem vigiados a partir de um único centro⁵⁰.

O edifício tem oito mil e quatrocentos metros quadrados de área construída e seis mil metros quadrados de pátio externo, que terminou de ser construído em 1867⁵¹.

⁴⁷ ASENSIO CERVER, Francisco – **A arquitectura de los museos**. Barcelona : Arco Editorial.

⁴⁸ GASPAR, Lúcia – Casa cultura: Recife [Em linha]. [Consult. 25 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=300&textCode=901&date=currentDate>>

⁴⁹ Idem

⁵⁰ Idem

⁵¹ Idem



Figura 12 – Penitenciária de Recife



Figura 13 – Casa da Cultura de Recife

O desenho é orientado pelos pontos cardeais. Os três raios de igual dimensão, cada um com o seu pavimento, convergem para o saguão central, que é coberto por uma cúpula metálica. Esse tipo de construção permitia a vigilância do que acontecia em todas as celas a partir de uma guarnição instalada no centro⁵².

Os três volumes do edifício que se convergem para o centro eram incomunicáveis entre si, portanto, a passagem de um volume para o outro só era possível a partir do hall central.

Tinha alojamentos para duzentos presos, casas de administração e segurança, além do pátio cercado por muralhas guarnecidas de guaritas interligadas por uma espécie de murro que funcionava também como um caminho pedonal.

No piso térreo haviam setenta e duas celas, com dez metros quadrados de área, com portas de madeira e grade de ferro e uma abertura à guisa da janela também ela com grade de ferro.

No primeiro e segundo piso, haviam trinta celas com vinte metros quadrados de área. Nos três pisos haviam um total de vinte e quatro celas em semi-círculo com seis metros quadrados de área, totalizando assim cento e cinquenta e seis celas.

O estilo sóbrio de características neoclássicas dá ao edifício um aspecto sólido, simétrico e equilibrado, sendo estas as características representativas da época⁵³.

A penitenciária foi encerrada em 15 de Março de 1973, sendo os presos transferidos para uma outra penitenciária do Estado.

Francisco Brennand⁵⁴, artista plástico brasileiro, surgiu com um projecto que consistia na transformação da então antiga penitenciária de Recife em algo que pudesse fortalecer a cultura da sua região, ou seja, numa instituição similar aos

⁵²CASA DA CULTURA DE RECIFE [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.casadaculturape.com.br/aCasa.php>>

⁵³ Idem

⁵⁴ Francisco Brennand (Recife 1927). Ceramista, escultor, desenhista, pintor, tapeceiro e ilustrador.



Figura 14 – Casa da Cultura de Recife (vista do rio Capibaribe)



Figura 15 – Casa da Cultura de Recife

centros de educação nas áreas de literatura, música, artes plásticas e teatro, que estavam sendo criadas em França pelo escritor André Malraux⁵⁵.

O projecto de restauração do edifício neo-clássico ficou a cargo da arquitecta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi⁵⁶ e a sua inauguração, da então denominada Casa da Cultura de Recife, aconteceu no dia 14 de Abril de 1976, tornando-se então no grande Centro Cultural da região e ao mesmo tempo num ponto turístico obrigatório da cidade⁵⁷.

A Casa da Cultura, conservando as suas características originais, dispunha de cento e cinquenta lojas de artesanato, três museus, um cinema, um restaurante e um teatro⁵⁸.

Das muralhas demolidas antes da restauração conservam-se as guaritas e o pátio externo recebeu um novo tratamento paisagístico, através de um novo desenho dos jardins e estacionamento.

Exteriormente reforçaram a cor branca da parede, originalmente usada na antiga penitenciária, substituindo o tom terra e foram instaladas no jardim umas luzes que ao se projectarem no edifício dão um efeito monumental ao próprio edifício⁵⁹.

Construiu-se um anfiteatro no seu exterior oferecendo de certa forma mais uma opção de lazer para o visitante e servindo de elo de ligação da relação exterior-interior.

Uma das poucas alterações verificadas no interior desse “novo” edifício foi a inclusão de três novos elevadores semi-panorâmicos e algumas rampas de forma a facilitar os percursos e acessos dos visitantes⁶⁰.

⁵⁵CASA DA CULTURA DE RECIFE [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.casadaculturape.com.br/aCasa.php>>

⁵⁶ Lina Bo Bardi (1914-1992). Arquitecta, designer, cenógrafa, editora e ilustradora. Forma-se na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Roma e privilegia uma tendência histórico-classicizante. É responsável por inovações estéticas importantes na arquitectura (no uso do concreto ou tijolo aparente).

⁵⁷CASA DA CULTURA DE RECIFE [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.casadaculturape.com.br/aCasa.php>>

⁵⁸ Idem

⁵⁹ Idem

⁶⁰ Idem



Figura 16 – Interior da Casa da Cultura de Recife



Figura 17 – Elevador no seu interior

Estruturalmente renovaram toda a instalação hidráulica do edifício, adoptando o sistema “shaft”⁶¹, com tubulação visível facilitando a manutenção do próprio sistema e as instalações eléctricas foram de igual modo renovadas.

Partindo desses pressupostos, pode-se concluir, que tais situações de restauro implicam um trabalho minucioso, intervindo de certa forma em casos pontuais, tais como os percursos e o reforço estrutural, possibilitando uma maior consistência programática tendo em vista o fortalecimento dos aspectos estéticos e funcionais, sem esquecer a carga histórica do edifício em questão.

2.5 Penitenciária de Badajoz – Espanha

A antiga prisão de Badajoz foi projectada em 1941 e terminada a sua construção em 1958, segundo a tipologia do panóptico de Bentham, com uma torre central e umas naves radiais que partem desse mesmo centro.

Durante muitos anos essa imagem do panóptico impôs-se na cidade ocupando o lugar que já foi do antigo baluarte militar conhecido como Forte de Pardaleras, do séc. XVII⁶².

O complexo em si, foi construído com materiais que faziam recordar a própria época em que a prisão foi construída, betão armado na estrutura do módulo central, murros de suporte no resto das dependências, garantindo desta feita uma boa estabilidade, e cobertura em telha árabe⁶³.

A criação de um museu nessa antiga prisão até então abandonada, denominada de Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, explica-se por

⁶¹ Palavra utilizada para identificar uma área específica numa construção, onde por vezes passam várias tubulações aparentes, água, electricidade, etc. Cria-se um compartimento seja em gesso, madeira ou até em alvenaria para esconder essas tubulações.

⁶²BADAJOZ .AYUNTAMIENTO [Em linha]. [Consult. 13 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.aytobadajoz.es/pt/ayto/monumentos/monumento/223/meiac>>

⁶³ MUSEO EXTREMEÑO E IBEROAMERICANO DE ARTE CONTEMPORÁNEO [Em linha]. [Consult. 10 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.meiac.es/museum.php?m1=2&m2=0>>

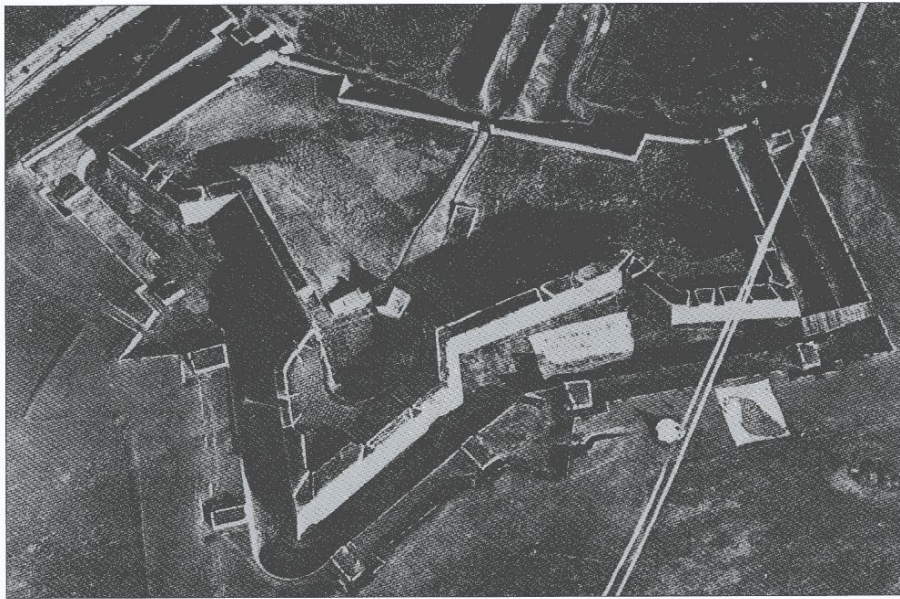


Figura 18 – Forte de Pardaleras



Figura 19 – Penitenciária de Badajoz

se considerar antes de mais a identidade do lugar onde se encontra o museu, os conteúdos e o âmbito vocacional de referência e por fim, responde, essencialmente à necessidade de criarem um museu com vista a recuperarem de imediato o património disperso, baseando-se numa relação cultural transfronteiriça da Extremadura com a América Latina⁶⁴.

Esse museu, não só responde à reconversão de uma antiga penitenciária num espaço de comunicação e cultura, como também numa explícita vontade modernizadora de dar um novo sentido à importância estratégica da cidade e o seu futuro na zona fronteiriça⁶⁵.

Se do antigo baluarte do séc. XVII pouco nos resta para além da memória, da antiga prisão de Badajoz há marcas de uma construção subjacente ao museu, mantém-se a torre circular do panóptico por se tratar de um elemento formal e simbólico bastante significativo. Aqui o arquitecto espanhol José António Galea configura um novo museu prescindindo das naves radiais da antiga prisão, criando antes de mais um complexo museológico organizado em função de um eixo axial e ordenado em três partes: um edifício destinado à exposição permanente e temporária, outro administrativo e uma ampla zona ajardinada⁶⁶.

O projecto do museu faz uma readaptação do panóptico, melhorando as suas capacidades e limitações de altura e circularidade mediante a construção de uma sala ampla e de grandes proporções no rés-do-chão do edifício. No edifício administrativo, com um novo alçado, encontram-se os programas de apoio ao museu e por fim, nos espaços abertos configura-se uma arquitectura voltada para o exterior, ou seja, o próprio espaço aberto funciona como uma área expositiva, em que os murros e os elementos construtivos entram em confronto com o espelho de água atrás da torre, com os passeios e com as zonas ajardinadas, entrando de certo modo em conexão com a cidade. Aqui o

⁶⁴ PROYETO CLER – [Historia del museo y del edificio que lo alberga](http://web.dip-badajoz.es/proyectos/cler/museoDetalle.php?Id=27&ver=C) [Em linha]. [Consult. 10 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://web.dip-badajoz.es/proyectos/cler/museoDetalle.php?Id=27&ver=C>>

⁶⁵ Idem

⁶⁶ MUSEO EXTREMEÑO E IBEROAMERICANO DE ARTE CONTEMPORÁNEO [Em linha]. [Consult. 10 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.meiac.es/museum.php?m1=2&m2=0>>

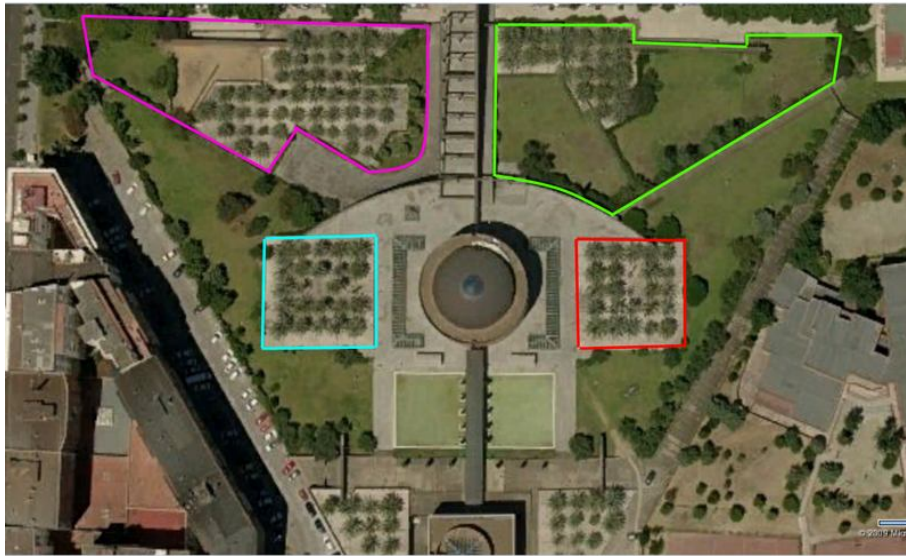


Figura 20 – Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo



Figura 21 e 22 – Exterior do Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo

arquitecto soube dar à obra não só um carácter funcional como estético, funcionando como uma obra de arte⁶⁷.

O edifício tem cerca de sete mil metros quadrados de superfície útil para exposições, sem contar com a possibilidade de existir uma exposição no seu exterior, dividida em quatro andares e uma sala no semi-sótão usada para colecções e exposições temporárias⁶⁸.

As linhas programáticas que se projectam para o normal funcionamento deste museu devem ser coerentes com os princípios orientadores e com o próprio sentido do espaço em si, qualquer que seja a sua modalidade ou formato favorecendo uma aproximação e diálogo do espaço com as próprias obras, ou seja, uma vez que as obras que se encontram em exposições são de autores dessa região ou dessa “cultura latina”, elas simbolizam o querer e o saber viver desses povos⁶⁹.

2.6 Campo de concentração de Dachau – Alemanha

O campo de concentração⁷⁰ de Dachau foi construído em Março de 1933 pelos nazistas numa antiga fábrica de munição próxima à cidade de Dachau, cerca de cinco quilómetros a noroeste de Munique, no sul da Alemanha. O projecto deste campo desenhado pelo comandante Theodor Eicke⁷¹ serviu de modelo para os outros campos construídos posteriormente.

⁶⁷ MUSEO EXTREMEÑO E IBEROAMERICANO DE ARTE CONTEMPORÁNEO [Em linha]. [Consult. 10 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.meiac.es/museum.php?m1=2&m2=0>>

⁶⁸ BADAJOZ .AYUNTAMIENTO [Em linha]. [Consult. 13 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.aytobadajoz.es/pt/ayto/monumentos/monumento/223/meiac>>

⁶⁹ PROYETO CLER – Historia del museo y del edificio que lo alberga [Em linha]. [Consult. 10 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://web.dip-badajoz.es/proyectos/cler/museoDetalle.php?Id=27&ver=C>>

⁷⁰ O Campos de Concentração consiste num sistema de encarceramento e aglomerado de presos políticos, prisioneiros de guerra e grupos étnicos. O uso desse espaço confinado despontou no colonialismo europeu do século XIX

⁷¹ Theodor Eicke nasceu a 17 de Outubro de 1892 em Hampont, França. Foi um dirigente nazista e ocupou o cargo de *SS-Obergruppenführer*, comandando *Totenkopf* da Waffen-SS e foi um dos responsáveis pela criação dos campos de concentração na Alemanha Nazista, foi assassinado em 26 de Fevereiro de 1943, durante uma missão na União Soviética.

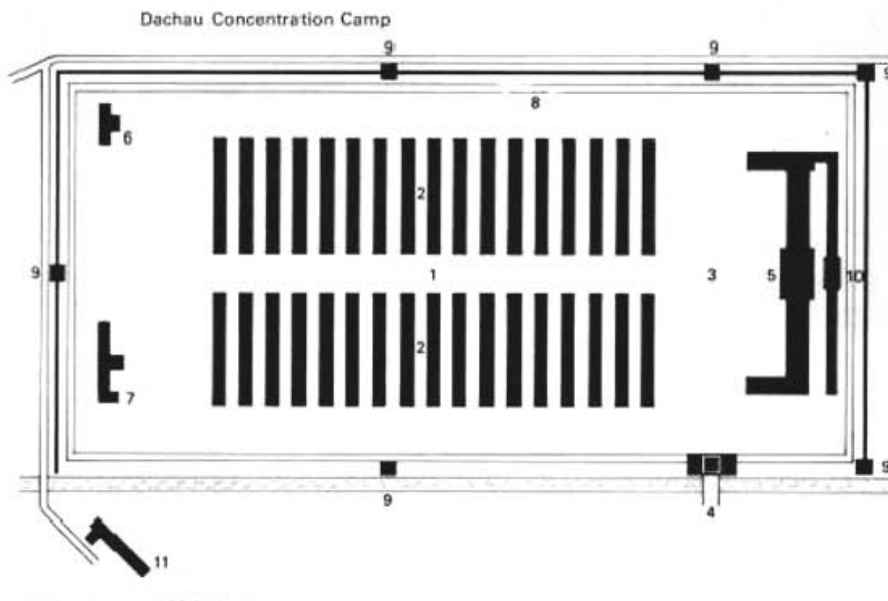


Figura 23 – Planta do campo de concentração de Dachau

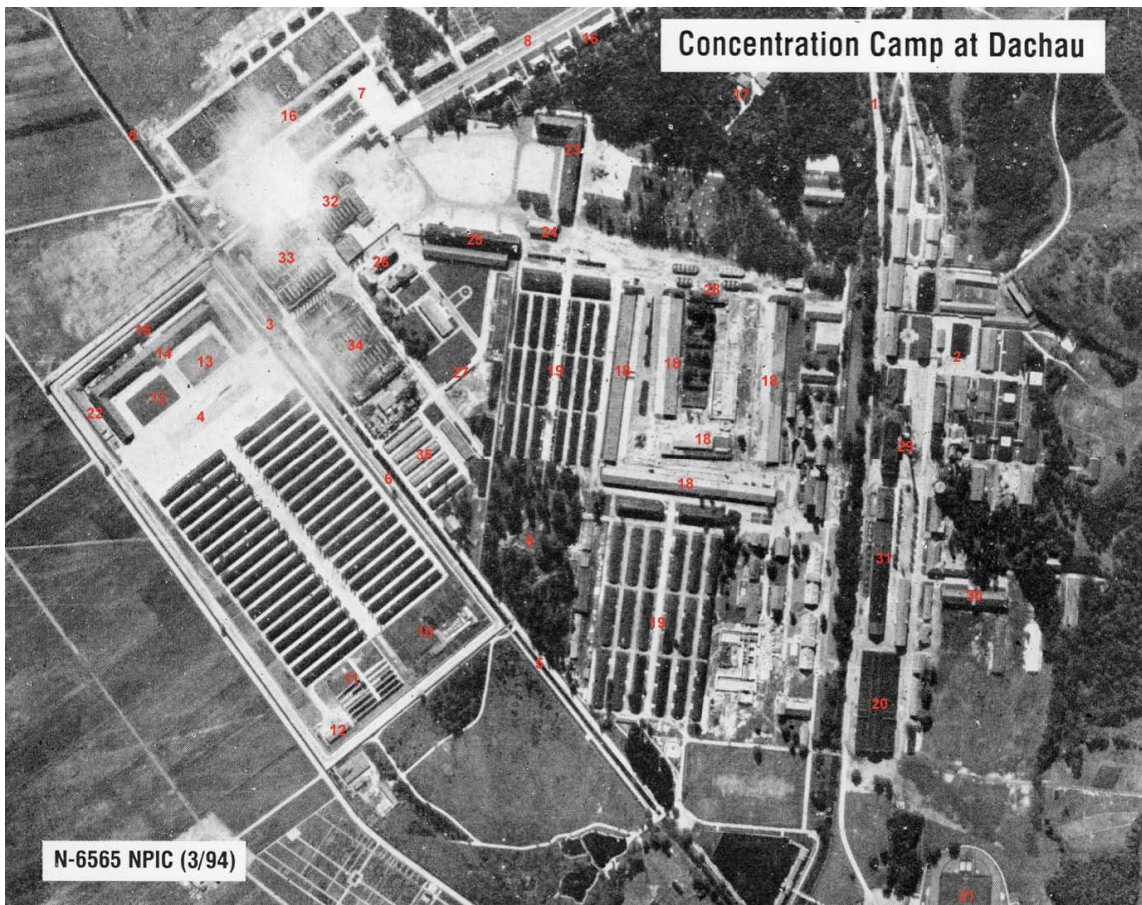


Figura 24 – Vista aérea do complexo de Dachau

Os presos foram obrigados a derrubarem a antiga fábrica e sob condições terríveis iniciaram a edificação do campo, a qual foi oficialmente concluída em meados de Agosto de 1938, permanecendo inalterado até 1945⁷².

O campo era dividido em duas partes, o campo e o crematório. A área do campo era composta por trinta e dois quartéis e a administração estava localizada na entrada principal e incluía uma série de prédios auxiliares entre os quais destacam-se a cozinha, a lavandaria, o balneário, as oficinas e um bloco-prisão.

Em 1942 foi construído o crematório ao lado do campo principal, incluía o antigo e o novo crematório, sendo que este último possuía uma câmara de gás⁷³.

Conceptualmente pode-se dizer que o campo era constituído por trinta e quatro edifícios de madeira em duas linhas de dezassete em ambos os lados de uma estrada do campo, a Lagerstrasse. Em cada lado da estrada plantou-se uma linha de árvores distanciadas uniformemente. É de salientar que as árvores originais do campo foram destruídas em 1964 e as que se encontram lá hoje em dia foram plantadas em 1980⁷⁴.

De 1965 a 1968 o campo de concentração de Dachau foi transformado num Memorial e o que hoje se vê é muito diferente do que foi um dia, criado com a intenção de recordar o sofrimento que se viveu na época, das duas filas de dezassete barracas construídas apenas existem duas barracas, que foram reconstruídas, enquanto que nos restantes lugares anteriormente ocupados pelas outras barracas estão marcados com rectângulos com gravilha, trabalhando um pouco com a imagem ou símbolo do passado, abrindo espaço à

⁷² UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM [Em linha]. [Consult. 2 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.ushmm.org/wlc/article.php?lang=en&ModuleId=10005214~>>

⁷³ Idem

⁷⁴KZ DACHAU [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.scrapbookpages.com/Dachauscrapbook/KZDachau/index.html>>



Figura 25 – Interior da prisão de Dachau



Figura 26 – Entrada principal do campo de concentração de Dachau

memória. A partir dessas duas reconstruídas pode-se ter a noção do que foi os alojamentos dos três períodos vividos: 1933-1934, 1937-1938 e 1944-1945⁷⁵.

Entra-se no museu pela única entrada original do campo, onde permanece no portão de grades a famosa frase *Arbeit macht frei* (o trabalho liberta), por uma passagem entre fossos e murros altos, com torres de vigia e arame farpado⁷⁶.

O Memorial Dachau reabriu as suas portas ao público no dia 4 de Maio de 2003, substituindo aquele que foi criado a 9 de Maio de 1965 numa primeira tentativa de reconversão, em honra dos muitos prisioneiros que passaram por lá, de diferentes países, como forma de homenagearem não só aqueles que por lá passaram como também ao próprio espaço e pela sua importância⁷⁷.

No edifício central, que abrigava a cozinha, lavandaria e o armazém, hoje está instalada uma exposição que conta a história do campo⁷⁸.

É de salientar que nesse tipo de intervenção, no âmbito da memória do lugar o carácter minucioso é bem visível, o confronto entre o que lá existe com o que poderá vir a existir é feito essencialmente pelo retorno ao passado, ou seja, em busca daquilo que realmente teve muita influência na história do campo, na procura da identidade do espaço e principalmente numa maior capacidade de dar a conhecer não só o actual espaço, memorial, como também aquilo que foi no passado.

⁷⁵KZ DACHAU [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.scrapbookpages.com/Dachauscrapbook/KZDachau/index.html>>

⁷⁶ Idem

⁷⁷ Idem

⁷⁸ Idem



Figura 27 – Entrada do Memorial de Dachau



Figura 28 – Pormenor das barracas (interior do campo)

3. Campo de concentração do Tarrafal

3.1 Enquadramento geral

O capítulo que se segue baseia-se no essencial da presente dissertação, que é a reconversão da penitenciária, e tendo como objecto principal de estudo a antiga prisão do Tarrafal, na possibilidade de torná-la num museu, Museu da Resistência, na reconversão e na readaptação do campo a fim de cumprir determinados pressupostos.

Antes de tudo importa conhecer o espaço, a sua influência, o porquê de ser este e não outro, o que trás de novo essa nova conjuntura à realidade de Cabo Verde, ou seja, baseando-se num conjunto de questões pertinentes tendo em vista à execução ou formalização de uma ideia ou uma proposta de Museu.

Tendo em conta uma análise detalhada da área em questão, importa primeiramente conhecer a Vila do Tarrafal, possibilitando desta feita um maior enquadramento do próprio campo de concentração com o seu envolvente.

3.2 Tarrafal – Situação geográfica

Situado ao Norte da Ilha de Santiago em Cabo Verde⁷⁹, a vila de Tarrafal conta com cerca de vinte mil habitantes⁸⁰, e apresenta características básicas de uma pequena cidade com alto grau de ruralidade e contradições relacionadas com o processo de urbanização em Cabo Verde.

⁷⁹ A República de Cabo Verde está situada a 450 km da costa oeste africana (Dakar, Senegal). Cabo Verde apresenta a configuração de um semicírculo imperfeito, em que as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista constituem o chamado grupo de ilhas de Barlavento, ao passo que as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava (ao sul) são designadas como pertencendo ao grupo de Sotavento. A área terrestre total de Cabo Verde é de 4033 km², e a sua zona económica exclusiva (ZEE) tem uma extensão de 700 mil km (<http://www.unesco.org/most/tarrafal.pdf>)

⁸⁰ Tarrafal conta com cerca de 14,5 % da população de Santiago e com 48,3% de população economicamente activa.

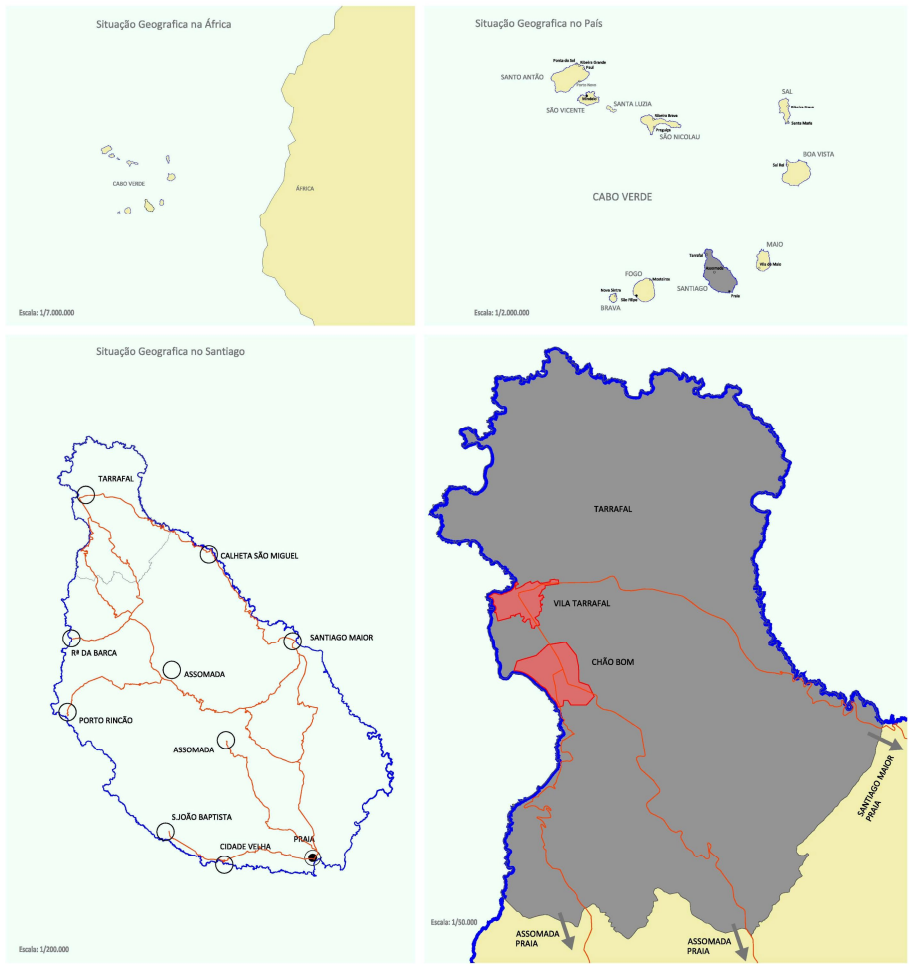


Figura 29 – Localização da vila do Tarrafal

O concelho do Tarrafal é um dos mais antigos povoados da ilha de Santiago, é marcado por uma evolução histórica intimamente associada ao processo da divisão administrativa de Cabo Verde, de um modo geral e, da ilha de Santiago, de um modo particular. É constituído por uma só freguesia: Santo Amaro Abade. A sede do município é a vila do Tarrafal, estende-se para Norte da Serra Malagueta, formando uma espécie de península entre a Baía do Chão Bom e a Costa dos Biscainhos.

O sector primário é a principal área de actividade da população residente no Concelho, verificando-se uma fraca percentagem de pessoas que se dedicam ao sector terciário⁸¹.

Considerado um dos principais pontos turísticos da ilha de Santiago, ela vive essencialmente do turismo. Com suas praias de areia branca, o município de Tarrafal é um ponto capaz de atrair turistas sobretudo nacionais da própria ilha.

O desenvolvimento do sector turístico pode representar, por um lado, uma fonte de rendimento e de criação de empregos mas, por outro lado, pode induzir uma forte pressão sobre os recursos naturais que constituem justamente um dos valores turísticos do município, tais como a água, as praias, as árvores e a área costeira⁸².

Por sua vez, esse desenvolvimento tem efeitos socio-económicos e sócio-culturais já perceptíveis e traduz-se também, na estrutura urbana do Município de Tarrafal, em construção civil desordenada, venda de espaços para infra-estruturas turísticas e problemas ambientais⁸³.

A visão inicial que se tem do Tarrafal é uma visão colonial, mas analisando o município em si, desligando-se de certo modo dessa tal visão, pode-se verificar

⁸¹ ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE SANTIAGO – Dados do município do Tarrafal. [Em linha]. [Consult. 14 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.ams.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=36&Itemid=55 >

⁸² MILANI, Carlos; DROULERS, Martine – Desenvolvimento local e turismo em Tarrafal (Cabo Verde), Paris : UNESCO 2002 [Em linha]. [Consult. 27 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL:<http://www.unesco.org/most/tarrafal.pdf>>

⁸³ Idem



Figura 30 – Praia do Tarrafal

que é um dos municípios mais pobre do país, cerca de 43% da população é pobre, em que os grandes investimentos estruturantes se assentam no domínio do turismo, da pesca e da agricultura⁸⁴.

O concelho de Tarrafal, sendo parte integrante da ilha de Santiago, não escapa às influências dos factores que condicionam o clima do arquipélago de um modo geral e, de um modo particular, o clima da ilha de Santiago. No entanto, sendo uma região específica da ilha, com características próprias, será necessário destacar os factores que influenciam o clima nesta região, do norte da ilha. O relevo e a disposição das vertentes em relação aos ventos dominantes constituem factores decisivos na determinação do clima do Tarrafal. Sendo uma zona baixa, cuja disposição do relevo contribui em grande parte para o aumento da sua aridez e vento muito quente e seco, proveniente do deserto de Sahara.

Devido ao seu fraco relevo, predominam os microclimas áridos e semi-áridos, contudo, à medida que a altitude aumenta verifica-se um aumento da pluviosidade e, conseqüentemente diminuição dessa aridez⁸⁵.

O clima é influenciado por duas estações: a húmida ou das águas – de Agosto a Outubro – e a estação seca – de Dezembro a Junho.

A seca e os movimentos migratórios são os principais factores de oscilação do crescimento demográfico, este último com maior importância nos adultos em idade activa.

⁸⁴ “Revista Tarrafal” Tarrafal. 2007, n.º1.

⁸⁵ TAVARES, José Manuel Soares – **O campo de concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954)**. Lisboa : Colibri, 2006. p.32

Aos mortos vivos do Tarrafal

Ao cabo de Cabo Verde
dobrado o cabo da guerra
quando o mar sabia a sede
e o sangue cheirava a terra
acabou por ser mais forte
a esperança perseguida
porque aconteceu a morte
sem que se acabasse a vida.

Ao cabo de Cabo Verde
no campo do Tarrafal
é que o futuro se ergue
verde-rubro Portugal
é que o passado se perde
na tumba colonial.
Ao cabo de Cabo Verde
não morreu o ideal.

Entre o chicote e a malária
entre a fome e as bilioses
os mártires da classe operária
recuperam suas vozes.
E vêm dizer aqui
do cabo de Cabo Verde
que não morrem ali
porque a esperança não se perde.
Todos vivos! Todos nossos!

vinte, trinta, cem ou mil
nenhum de vós é só ossos
sois todos cravos de Abril!

No campo do Tarrafal
no sítio da frigideira
hasteava Portugal
a sua maior bandeira.

Bandeira feita em segredo
com as agulhas das dores
pois o tempo do degredo
mudava o sentido às cores:
o verde de Cabo Verde
o chão da reforma agrária
e o Sol vermelho esta sede
duma água proletária.

Do cabo de Cabo Verde
chegam tão vivos os mortos
que um monumento se ergue
para cama dos seus corpos.
Pois se o sono é como o vento
que motiva um golpe de asa
é a vida o monumento
dos que voltaram a casa.

De José Carlos Ary dos Santos⁸⁶

⁸⁶ Poema feito quando da transladação para Portugal dos restos mortais dos 32 resistentes assassinados no Tarrafal.

3.3 Campo de Concentração do Tarrafal

O antigo campo de concentração é o maior símbolo da luta pela emancipação e conquista dos direitos democráticos dos povos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Portugal.

(in Movimento Carácter Universal, World Monuments Fund (WMF) - Lista dos 100 patrimónios)

O campo de concentração do Tarrafal situa-se na localidade de Chão Bom⁸⁷, concelho do Tarrafal. Com a queda da primeira república em Portugal, tentou passar-se, no quadro das construções prisionais, do plano teórico ao prático.

Entre os projectos de remodelações e construções de novos edifícios municipais surgiu também o velho recurso ao reaproveitamento dos edifícios antigos. Chamaram-lhes campos de trabalho e colónias penais, até “depósitos de degredados”. Entre eles contam-se o Tarrafal, o Forte de Caxias e o Forte de Peniche⁸⁸.

A legislação que regulamentava o regime penal dos “delitos políticos” datava de 1932 e estabelecia como punição a pena de desterro cumprida numa colónia ultramarina. A Comissão das Construções Prisionais foi incumbida em 1935 de elaborar um projecto com esse destino, com base num estudo de reconhecimento que havia sido efectuado nas ilhas de Cabo Verde.

⁸⁷ Chão Bom surge numa plataforma recortada pelo vale de Ribeira Grande e que tem como limítrofe litoral a Baía de Chão Bom, ao longo da via central – Tarrafal/Praia e via litoral Oeste – Tarrafal/Assomada. É caracterizada por uma malha orgânica pouco clara, espaço público precário e com pouca relação com o mar.

⁸⁸ GAMITO, Ana Maria Baião – **Arquitetura Prisional em Portugal. A utopia carcerária**. Coimbra : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.p.36



Figura 31 – Campo de Concentração e a sua localização

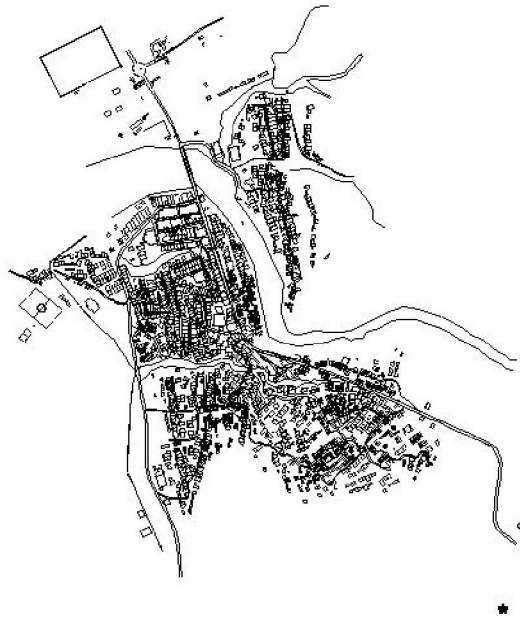


Figura 32 – Mancha urbana da localidade de Chão Bom

Foram elaborados pelo arquitecto Cottinelli Telmo⁸⁹, dois anteprojectos, o último do qual a instalar em local diverso do Tarrafal, por se considerar inadequado⁹⁰.

A opção, após estudo cuidadoso, foi intencional. De todas as ilhas do arquipélago de Cabo Verde, Santiago é uma das mais inóspitas, devido ao clima e à sua insalubridade. Na época das chuvas, a ilha é muito propícia ao aparecimento de mosquitos e do paludismo. Na altura pode-se dizer que se tratava de um pântano inabitável para um europeu, um isolamento de morte lenta, entre o mar e as montanhas, debaixo de um calor tórrido e sem água potável.

A colónia penal do Tarrafal foi criada a 23 de Abril de 1936, no âmbito da reorganização dos serviços prisionais. Esta foi concebida, pelo menos na teoria, dentro da óptica dos diferentes tipos dos estabelecimentos prisionais, destinado ao cumprimento de penas, na vertente de prisões especiais⁹¹.

Destinada aos presos políticos e sociais, que deviam cumprir o desterro ou que, tendo estado internados em outro estabelecimento prisional, se haviam mostrado refractários à disciplina deste estabelecimento ou como elementos perniciosos⁹².

O relatório do anteprojecto da colónia penal do Tarrafal representa a última fase da evolução da ideia do reconhecimento que se fez ao arquipélago de Cabo Verde, prevendo-se a hipótese de construção de uma prisão, incidindo

⁸⁹ José Ângelo Cottinelli Telmo nasceu a 13 de Novembro de 1897. Foi arquitecto, cineasta, bailarino, autor de banda desenhada, fotógrafo, ilustrador e músico. Distinguiu-se na arquitectura e pertenceu à primeira geração de arquitectos modernistas portugueses.

⁹⁰ GAMITO, Ana Maria Baião – **Arquitectura Prisional em Portugal. A utopia carcerária**. Coimbra : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.p.36

⁹¹ TAVARES, José Manuel Soares – **O campo de concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954)**. Lisboa : Colibri, 2006. p.63

⁹² Idem

essencialmente sobre as condições naturais de Cabo Verde no que toca ao abastecimento de água, materiais de construção, vias de comunicação etc.⁹³

São Nicolau foi o primeiro destino escolhido tanto pela Ditadura como também pelo Estado Novo para a materialização do primeiro modelo de prisão especial, metodicamente concebido para o encerramento de presos políticos portugueses que eram enviados para Cabo Verde. Se o ano de 1931 constitui a primeira tentativa de encenação de uma prisão especial em Cabo Verde, é, o ano de 1936 que marca efectivamente a data da sua materialização.⁹⁴

Este foi o sítio escolhido para a instalação e organização de um verdadeiro campo de concentração para presos políticos deportados em 1931. Tarrafal de é uma povoação costeira próxima do mar e situada na parte sudoeste da ilha de São Nicolau⁹⁵.

No local escolhido foram armadas umas barracas de madeira desmontáveis para quatro mil condenados que, posteriormente, foram transferidas para o Tarrafal de Santiago no início da fundação da colónia penal instalada em 1936⁹⁶.

A escolha do lugar deve-se à falta de condições existente em Chão Bom, possibilitando um isolamento completo da população criminal com a população livre, evitando qualquer tipo de contacto⁹⁷.

Dentro do campo tinham a pretensão de utilizarem a mão-de-obra dos presos referente à própria construção do campo, nos trabalhos agrícolas dentro e fora do estabelecimento, trabalhos oficinais e trabalhos de construção civil.

O campo não era visto como uma colónia puramente agrícola, porque não havia

⁹³ **Relatório do ante-projecto de uma colónia penal no Tarrafal de S.Tiago em Cabo Verde.** 1935. 29 f. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁹⁴ BARROS, Victor – **Campo Concentração em Cabo Verde: as ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo.** Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. p.71

⁹⁵ Idem, pag 78

⁹⁶ Idem, pag 79

⁹⁷ **Instalação da colónia penal do Tarrafal na ilha de Santiago em Cabo Verde.** 193-. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

possibilidade de exercerem esses trabalhos visto que Cabo Verde é um país que raramente chove⁹⁸.

Pode-se dizer que a construção do campo conheceu duas fases distintas, sendo a primeira (1936-1938) em que se utilizou apenas a mão-de-obra civil e os trabalhos se reduziram ao mínimo dispensável, devido à grande urgência de albergarem os quatrocentos presos.

Construíram a administração, os dormitórios/casernas, as celas de isolamento, as celas disciplinares, a cozinha⁹⁹, os balneários, o hospital e o alojamento das tropas indígenas, entretanto sem acabamentos.

Aqui nessa fase as instalações eram doze barracas de lonas com sete metros de comprimento e quatro de largura sem as mínimas condições de habitabilidade e de higiene.

Em termos organizacionais, à esquerda da porta principal da entrada do campo ficava a secretaria, um barracão de madeira. O armazém constitui também um dos primeiros edifícios construídos em madeira e ficava um pouco mais distante do portão principal que viria a constituir a futura avenida das acácias¹⁰⁰.

O mobiliário do interior das barracas era constituído por um bidão destinado à reserva de água para as necessidades dos presos, duas “terrinas de folha-de-flandres”, uma tosca mesa de pinho e dois bancos corridos.

A água era racionada para o banho. A retrete era constituída por quatro paredes simples, elevadas do terreno e sem cobertura e com uma cadeira de cimento que servia de urinol¹⁰¹.

Numa segunda fase resolveram conciliar a mão-de-obra civil com a mão-de-obra dos presos nos trabalhos de construção e nos acabamentos. Fizeram os

⁹⁸ **Relatório do ante-projecto de uma colónia penal no Tarrafal de S.Tiago em Cabo Verde.** 1935. 29 f. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁹⁹ Cozinha era a única construção de pedra na 1ª fase, entretanto não estava completamente construída

¹⁰⁰ TAVARES, José Manuel Soares – **O campo de concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954).** Lisboa : Colibri, 2006. p.79

¹⁰¹ BARROS, Victor – **Campo Concentração em Cabo Verde: as ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo.** Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

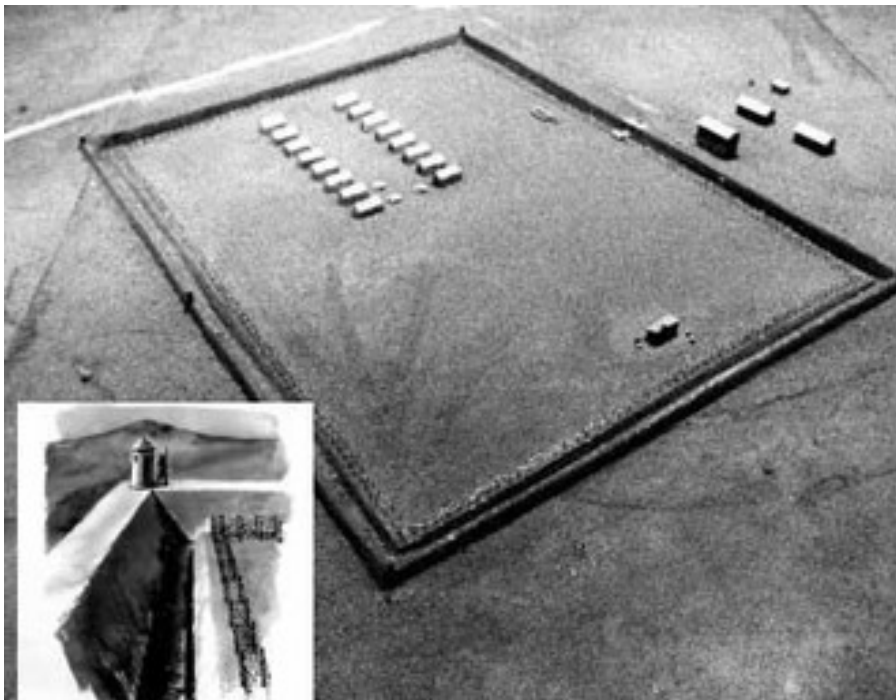


Figura 33 – As primeiras instalações do campo de concentração do Tarrafal



Figura 34 – Barracas de lona

acabamentos até então deixados por fazer na fase anterior, construíram o muro de vedação e terminaram os trabalhos de captação, adução e distribuição de água.

Fica marcada pelas construções dos primeiros pavilhões de pedra e pela chegada do médico Esmeraldo Pais Prata¹⁰².

A partir dessa fase começaram a tirar benefícios da mão-de-obra dos presos, na construção dos postos de sentinela, da capela, da casa mortuária, concluiu-se a construção do muro de vedação, terminaram os trabalhos de serralharia, gradeamento e o portão principal, e fizeram os arruamentos e passeios, os trabalhos de saneamento e os troços de estrada¹⁰³.

A avenida de Chão Bom, tem cerca de dez a quinze metros de largura e é quase toda ela debruada por acácias rubras. Quanto se desce a avenida, em direcção a Norte, à esquerda encontram-se a central eléctrica, a parada da companhia indígena, dois ou três pequenos edificios destinados aos oficiais e sargentos e, no mesmo plano, mas no outro lado da parada, na margem da Ribeira de Chão Bom, as casernas dos soldados, a cozinha e os depósitos de materiais, tudo circundado por duas ordens verticais de arame farpado.

Mais abaixo, encontram-se, também do lado esquerdo, três barracas de madeira suspensas, assentes em pilastras de um metro de altura, construção essa inspirada nos *bungalows* ingleses¹⁰⁴.

À direita de quem entra na colónia fica o campo de concentração do Tarrafal, tinha forma rectangular, com duzentos metros de comprimento por cento e cinquenta de largura, rodeado de arame farpado, exteriormente contornado por uma vala de quatro metros de largura e três metros de profundidade.

¹⁰² TAVARES, José Manuel Soares – **O campo de concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954)**. Lisboa : Colibri, 2006. p.78

¹⁰³ **Relatório do ante-projecto de uma colónia penal no Tarrafal de S.Tiago em Cabo Verde**. 1935. 29 f. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹⁰⁴ OLIVEIRA, Cândido Fernandes Plácido de – **Tarrafal: o pântano da morte**. Lisboa : Editorial República, 1974. p.38

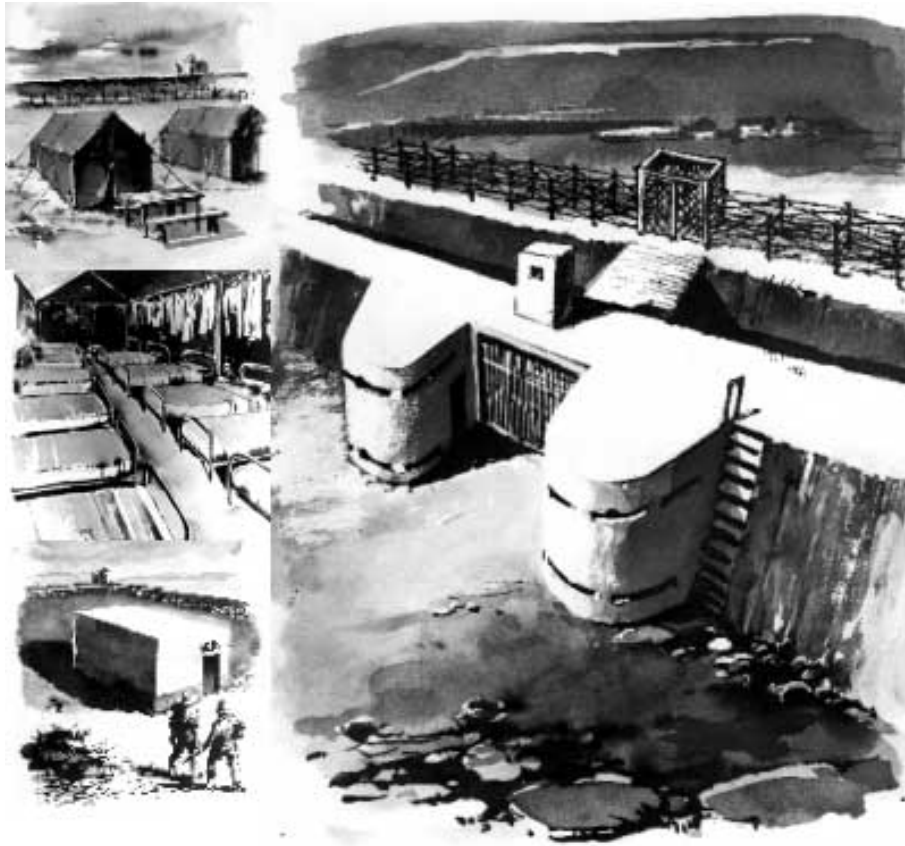


Figura 35 – Campo de concentração do Tarrafal

Adoptaram um sistema pavilhonar, de modo a que não haja em cada pavilhão um grande número de reclusos (cerca de mil a dois mil reclusos)¹⁰⁵.

Encontra-se encravado numa planície, que o mar limitava a Poente, e por uma cadeia de montes a Norte, Sul e Nascente. À volta do campo encontra-se um talude de três metros de altura, por onde circulavam as sentinelas.

A cada canto do campo situava-se um reduto onde podia ser instalada uma metralhadora. De um lado e doutro do portão de entrada erguiam-se dois fortins¹⁰⁶.

A falta de vegetação, os montes escarpados, o mar e o isolamento a que os presos estão submetidos, dão à vida uma monotonia que torna mais insuportável o cativeiro¹⁰⁷.

Transpondo o portão abre-se uma pequena rua de quarenta metros de desenvolvimento, que morre numa outra rua, muito mais extensa perpendicular a esta e que atravessa o campo, no sentido do comprimento. Em volta destas duas pequenas artérias, formando um T, temos o núcleo principal do Campo, no que toca à sua vivência, onde se encontram as principais edificações, tais como as camaratas, as oficinas, o refeitório e a enfermaria¹⁰⁸.

Acompanhando a tal rua de quarenta metros, temos dois pavilhões de alvenaria interiormente bipartidos, no sentido do comprimento, perfazendo deste modo quatro salões muito compridos com entradas independentes, pelo topo voltado à rua maior. Os dois pavilhões da esquerda são ocupados, um, pelas oficinas de serralharia e electricidade e outro, pelo refeitório, sala de leitura e sala de

¹⁰⁵ **Instalação da colónia penal do Tarrafal na ilha de Santiago em Cabo Verde.** 193-. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹⁰⁶ ROCHA, Francisco Canais – O campo de concentração do Tarrafal (1936-1954) [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://fiequimetal.pt/fstiep/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=471>

¹⁰⁷ SOARES, Pedro – **Tarrafal: campo da morte lenta.** Lisboa : Edições Avante, p.19

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Cândido Fernandes Plácido de – **Tarrafal: o pântano da morte.** Lisboa : Editorial República, 1974. p.44

jogos, enquanto que nos outros dois pavilhões da direita estão instalados a Mitra¹⁰⁹.¹¹⁰

No prolongamento a eixo da rua de entrada está um edifício moderno e pequeno, com duas salas, designado de Posto de Socorro, uma serve como sala de espera e outra como casa mortuária¹¹¹.

Em termos construtivos pode-se dizer que a técnica de construção no intramuro e extramuro é simples e barata, ou seja, era o mais económico possível, dentro das necessidades básicas e de higiene, característica das colónias, quer pela sua configuração quer no emprego dos materiais.

O sistema construtivo baseou-se em murros de pedra basáltica tratada de forma tradicional, cobertura em telha de fibrocimento ou marselha apoiados em vigas de madeira e de ferro (alguns edifícios apresentavam placas de cimento armado), caixilharia e portas em casquinha. A telha marselhesa foi utilizada na cozinha, posto de socorro, capela e pequenas zonas nas latrinas.

No pavimento utilizou-se betonilha sobre massame de betão, sem caixa-de-ar e sem forro, nas paredes exteriores, alvenaria ordinária e divisórias em blocos de cimento e betão armado nas celas¹¹².

Nos compartimentos da administração e do hospital encontramos lambris e forro da cobertura em chapa lisa de fibrocimento. Nas instalações sanitárias o pavimento é de mosaico e forro de azulejo nas paredes.

Havia um forte sistema de segurança, consistindo essencialmente numa vigilância cuidada e com o menor número de guardas possíveis, estabelecendo zonas separadas por murros comunicando-se por portões¹¹³.

¹⁰⁹ Mitra é a camarata dos doentes crónicos ou incuráveis. Igualmente utilizada, no topo da entrada, para sala de curativos dos doentes ambulatorios.

¹¹⁰ OLIVEIRA, Cândido Fernandes Plácido de – **Tarrafal: o pântano da morte**. Lisboa : Editorial República, 1974. p.45

¹¹¹ Idem p.48

¹¹² Informações recolhidas no Instituto do Património Cultural em Cabo Verde

¹¹³ ROCHA, Francisco Canais – O campo de concentração do Tarrafal (1936-1954) [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://fiequimetal.pt/fstiep/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=471>

Quanto ao abastecimento de água, inicialmente fez-se com a água do poço situado na várzea do Chão Bom. É de salientar que apesar de ser uma água imprópria ao consumo ela era utilizada não só na colónia como também pela população de Chão Bom.

“O principal abastecimento de água da colónia é feito através de uma nascente da Ribeira das Pratas, prevista a sua condução e distribuição por tubagens de fibrocimento e dentro dos pavilhões por tubagens de ferro galvanizado. Na zona da administração haverá um tanque de chegada, do qual por meio de electrobomba centrífuga a água destinada ao consumo e aos gastos gerais da colónia, para um depósito em torre que serve ao mesmo tempo de torre de vigia. A restante água é utilizada nas hortas da várzea do Chão Bom.”¹¹⁴

Inicialmente o campo era cercado apenas por arame farpado, o que permitia a comunicação dos presos com os locais ou até mesmo à possibilidade de fuga, entretanto, com a construção do talude essa situação deixou de existir, trouxe uma enorme vantagem em termos de segurança, roubando o horizonte dos presos. Se antes, se sentiam menos preso, dilatando a vista para fora do rectângulo, agora o talude limitou-lhes completamente a vista. Fora do perímetro do talude, mas dentro do cerco de arame farpado, existiam alguns edifícios, tais como, a central eléctrica, pequenos edifícios destinados aos sargentos e oficiais e casernas dos soldados¹¹⁵.

Do lado esquerdo de quem entrava no campo haviam três barracas de madeira, destinadas aos guardas, e a frigideira¹¹⁶. A frigideira representa a essência forte do antro de repressão que foi Tarrafal, ou seja, Tarrafal não fugiu à regra da construção de uma “câmara de eliminação”, neste caso, ela materializa o

¹¹⁴ **Relatório do ante-projecto de uma colónia penal no Tarrafal de S.Tiago em Cabo Verde.** 1935. 29 f. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹¹⁵ TAVARES, José Manuel Soares – **O campo de concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954).** Lisboa : Colibri, 2006. p.80

¹¹⁶ Situava-se a cerca de 300 metros do portão principal da entrada do talude. Era uma pequena construção completamente fechada cujas paredes, chão e tecto eram construídos por cimento. Um bloco rectangular com cerca de 5 a 6 metros de comprimento por 3 de largura e dividido ao meio por uma parede que formava duas celas e uma porta de ferro.

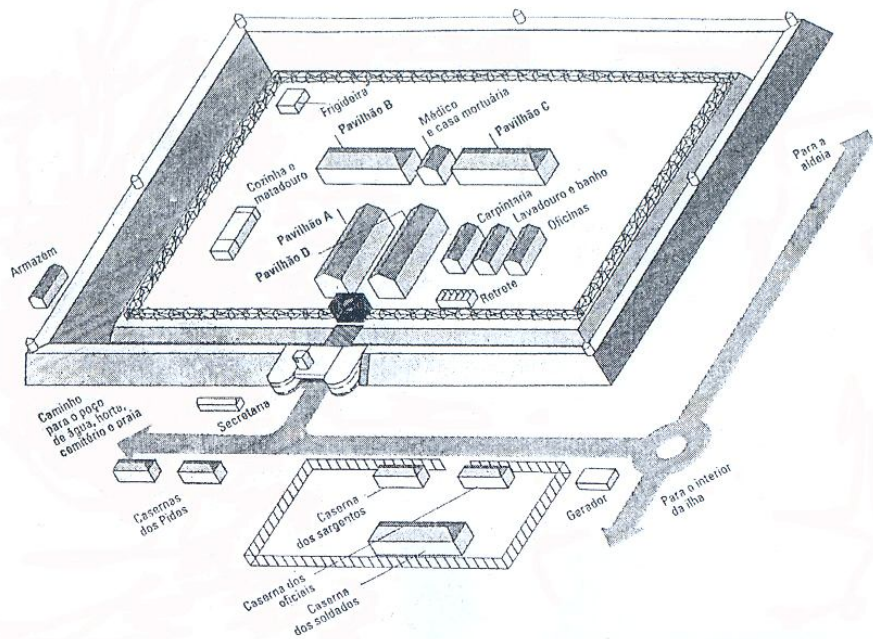


Figura 36 – Axonometria do campo de Tarrafal



Figura 37 – Frigideira

ponto máximo de perfeição de tortura dos presos, considerada a mais perfeita, mais moderna e mais desumana câmara de extermínio que a maldade humana inventou com vista à eliminação e tortura dos presos políticos¹¹⁷.

Neste quadrilátero cercado por talude encontramos quatro grandes pavilhões de pedra, dois de cada lado do posto do socorro¹¹⁸.

A área mais antiga dentro da muralha é a zona "A", no seu interior, a cozinha, uma das primeiras construções que ainda hoje conserva de pé a chaminé. Também as latrinas localizadas na zona "A" conservam toda a sua originalidade. A zona "B", no período fascista, contava só com capela e latrinas e numa segunda fase ampliaram-na com mais construções de barracas para presos¹¹⁹.

Os pavilhões tinham cerca de trinta metros de comprimento e quinze de largura. No pavilhão A funcionava o refeitório e oficina, no pavilhão B cinco casernas, no C funcionava a enfermaria e depósito dos que estavam à espera da morte e por último o pavilhão D que servia de Hospital do campo¹²⁰.

É de salientar que o campo de concentração do Tarrafal funcionou numa primeira fase, 1936-1954, como um campo de exílio e extermínio para os presos portugueses e outros europeus. Após um longo interregno, durante sete anos, o espaço físico do então campo de concentração reabriu em 1961, com o surgimento da Guerra Colonial, funcionando como um campo de trabalho destinado aos presos africanos de delitos políticos e comuns, ou seja, uma prisão de militantes e combatentes dos movimentos africanos anti-coloniais¹²¹.

¹¹⁷ BARROS, Victor – **Campo Concentração em Cabo Verde: as ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo**. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. p.41

¹¹⁸ Posto de Socorro inaugurado em Julho de 1940 e era dividido em duas partes. Servia como sala de espera para os que pretendiam consulta médica e também servia de sala de espera para a sepultura, funcionando como uma morgue.

¹¹⁹ Informações recolhidas no Instituto do Património Cultural em Cabo Verde

¹²⁰ TAVARES, José Manuel Soares – **O campo de concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954)**. Lisboa : Colibri, 2006. p.81

¹²¹ Idem, p. 229

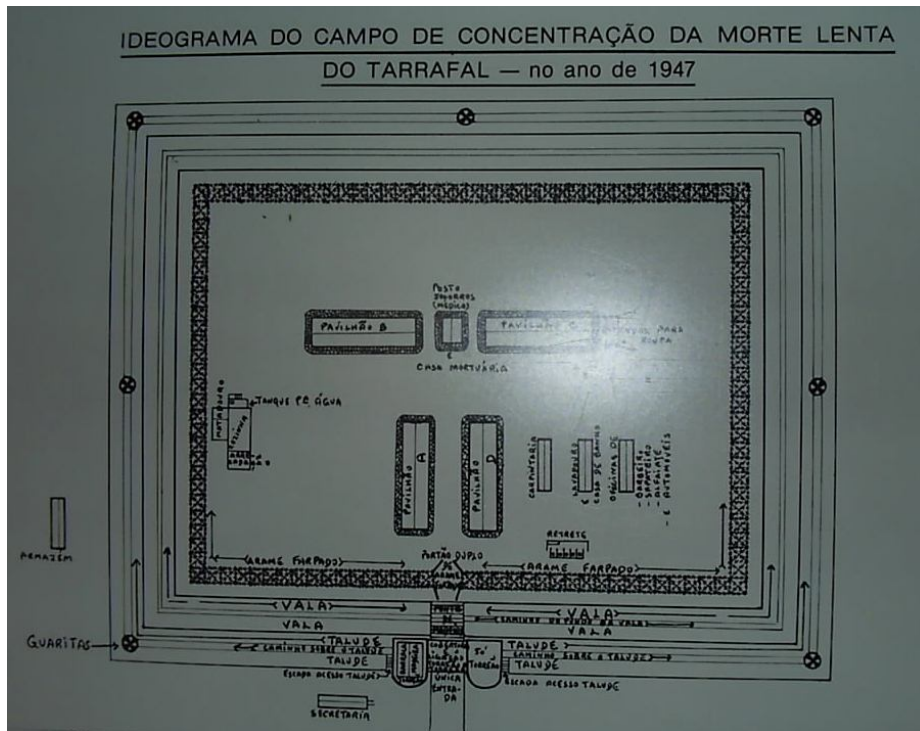


Figura 38 – Ideograma do campo de concentração do Tarrafal no ano de 1947



Figura 39 – Posto do socorro

A extinção legal da colónia penal do Tarrafal em 1956 não invalidou a concepção de ilha como espaço e destino de deportação e de prisão política durante o Estado Novo. Quer com isto dizer que, no contexto da década de sessenta, o campo de trabalho de Chão Bom surge como parte de um grande enredo histórico que caracterizou a repressão e violência colonial do regime.

Nas antigas colónias portuguesas da África, o campo de trabalho de Chão Bom aparece como um dos dispositivos reactivados e postos ao serviço do Estado Novo para a materialização do desterro e da repressão de angolanos, guineenses e cabo-verdianos que ali foram internados sob severas medidas de segurança¹²².

Aqui o conceito ilha enquanto espaço de encerramento, recorrendo ao objecto prisão de Tarrafal, está bem vincado, primeiramente sob a terminologia Colónia Penal numa primeira fase e, depois, sob a de Campo de Trabalho numa fase posterior¹²³.

No interior do Campo existiam os pavilhões de detenção que se encontravam definidos à esquerda e à direita do arruamento principal, no alinhamento do único portão de entrada que separava os dois blocos dos edifícios prisionais – prisões, retretes, lavandarias e uma cozinha. O bloco da esquerda estava totalmente ocupado pelos presos de delito comum da Província de Cabo Verde e era constituído por três prisões, uma lavandaria, uma cozinha, retretes e chuveiros. O bloco da direita destinava-se aos presos políticos de Angola e era constituído por três prisões, uma lavandaria, retretes e chuveiros e não dispunha de cozinha. Ao fundo e ao centro do arruamento principal existia um compartimento destinado a posto sanitário.

Numa das dependências do campo existia uma biblioteca, que, por vezes, funcionava simultaneamente como capela. Fora do recinto prisional existia uma

¹²² BARROS, Victor – **Campo Concentração em Cabo Verde: as ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo**. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. p.105

¹²³ Idem p.107

granja agrícola onde se pretendia que os presos se dedicassem ao trabalho da horticultura¹²⁴.

Em ambos os períodos, apesar de terem uma conotação diferente, no primeiro colónia penal e no segundo campo de trabalho, a base que suporta essas duas teorias é o conceito de ilha como prisão, numa tentativa de encarcerarem os considerados culpados sob determinadas condições, à custa de um isolamento total. O objecto, prisão do Tarrafal, foi-se adaptando à conjuntura consoante determinadas necessidades.

¹²⁴ BARROS, Victor – **Campo Concentração em Cabo Verde: as ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo**. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.p.112

4. Museu da resistência

4.1 A proposta

Intervir numa pré-existência trás consigo dois pontos fundamentais, ou seja, aqui o arquitecto tem dois caminhos a percorrer, um que seria a ruptura total com a história, num sério confronto do novo com o antigo enquanto que o outro é aquele que denota uma visão profundamente historicista, recorrendo aos aspectos e tendências do passado ou mesmo da história do edifício. Mas, diga-se de passagem que a melhor actuação não está em escolher qual o caminho a percorrer, mas, essencialmente está na identificação do meio-termo, melhor dizendo, reajustar aspectos de um com os aspectos do outro.

Essa ruptura total com a historia denota uma falta de visão crítica e conhecimento da realidade, enquanto que, no segundo ponto esse excesso de historicismo pode por em causa a própria autenticidade da obra¹²⁵.

A proposta do museu nesse recanto da ilha surge do simples facto de, não só por se tratar de uma antiga prisão, o que nos permite conectar a história do lugar nesse novo espaço através da sua exposição, como também é vista como um contributo à cultura, uma vez que há um reduzido número de museus não só na ilha de Santiago como no próprio país, Cabo Verde.

Em Cabo Verde, na década de noventa, o Instituto Nacional da Cultura, deu início às primeiras operações de recolha de peças etnográficas, cientificamente programadas, com vista à criação do futuro Museu Nacional. Desta recolha surge, em 1997 na Cidade da Praia¹²⁶, o primeiro Museu Etnográfico do País. Várias outras pequenas estruturas foram surgindo, tais como, o Museu da

¹²⁵ QUEIROZ, Joana Filipa Saavedra – **Pedra sobre pedra: intervir no construído**. Coimbra : [s. n.], 2008. 109 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.p.52

¹²⁶ Cidade da Praia é a capital do Arquipélago de Cabo Verde. Localizada a Sul da Ilha de Santiago.

Tabanca, o Museu da Resistência, o Museu da Arqueologia (Núcleo Museológico da Praia) e o Núcleo Museológico da Cidade Velha¹²⁷.

Sendo a antiga prisão do Tarrafal um espaço com uma importância indelével na história do país, importa criar um museu que seja o espelho dessa realidade vivida no passado.

O essencial da estratégia de intervenção reside na tentativa de unificar o espaço todo, com o intuito de tornar o museu num conjunto, em que a própria antiga prisão seja o museu, ou seja, não se limitando apenas a albergar determinados objectos pertencentes ao museu, mas sim, que o próprio espaço seja o museu.

O campo de concentração na altura era visto como um mundo a parte da realidade do Tarrafal, não só porque existia uma separação física, muralha, da prisão com a Vila, como também funcionava independentemente da vivência dos tarrafalenses. Ao unificar esses dois mundos permite que o povo tarrafalense conheça aquele mundo que tanto subjectivara ou ouviram dizer, ou seja, dá-lhes a conhecer o campo até então desconhecido, e é aqui que se vê a importância do objecto museu, na procura de uma melhor integração consciente da memória do passado com o presente.

Aqui o conceito de intervenção focaliza-se essencialmente numa boa integração dos espaços, ou seja, na procura de unificar todos os espaços possíveis e sem perder em conta a sua própria organização volumétrica e assumindo desta feita um certo carácter estático, predominando uma intervenção mínima, preservando de certo modo o património.

Essa intervenção mínima nota-se não só nos pequenos detalhes como ao nível estrutural e funcional, salvaguardando a conservação dos seus principais elementos construtivos.

¹²⁷ PÁGINA OFICIAL DO GOVERNO DE CABO VERDE – [Ministério da Cultura reabre Museu Etnográfico da Praia](http://www.governo.cv/index.php?id=329&option=com_content&task=view) [Em linha]. [Consult. 18 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.governo.cv/index.php?id=329&option=com_content&task=view>

Essa unificação dos espaços passa-se pela desmultiplicação dos vários percursos possíveis tendo em vista uma boa dinâmica e coesão do próprio espaço.

A ideia do panóptico, em que tudo está virado para um centro, que está subjacente à concepção espacial da prisão do Tarrafal, acaba por ser contrariada, uma vez que os percursos ao desmultiplicarem-se fortalecem essa dinâmica no seu interior, dando a conhecer todos os cantos da antiga prisão e por sua vez possibilitam uma melhor integração volumétrica.

Há dois espaços determinantes, o corredor de entrada (zona central) e tudo que se encontra para além deste (zona mais fragmentada), simbolizando o abrir do limite, baseando-se nessa contradição do aberto/fechado.

A própria geometrização dos dois pavilhões principais leva-nos a um certo afunilamento, do portão principal à muralha, quiçá na tentativa de representar o "abrir para o campo" ou seja "eis o vosso mundo, vosso horizonte".

Estrategicamente não nos interessa apenas contrariar essa tal centralização, mas sim, por um lado reforçá-la cada vez mais, por se tratar de um ponto forte característico do campo e por outro, criando de antemão outras possibilidades de movimento.

A ideia que se têm de querer unificar todos os espaços volumetricamente quando se projecta um museu, na tentativa de representar o percurso, aqui não se aplica, porque, como se pode ver a própria muralha funciona como um elo unificador do espaço.

A valorização do espaço enquanto museu em si, ao contrário de um espaço que alberga um museu, faz com que em determinados momentos temos a ideia de estarmos perante um vazio, mas esse vazio não existe, porque a cada momento ou a cada espaço estamos perante algo que podemos contemplar



Figura 40 – Esquema representativo do panóptico



Figura 41 – Esquema representativo dos dois espaços: um central e outro fragmentado

uma contemplação que não só simboliza uma novidade como por vezes levamos a uma memória do passado.

A zona central bastante coesa mantém-se de forma a não fugir muito às origens da própria prisão, direccionando o próprio visitante à muralha, característica da época da repressão em que se viveu, enquanto que na outra parte, aquela que se encontra para além dos dois murros centrais (avenida das acácias), é mais trabalhada, através de um jogo de volumes e percursos que possibilitam uma melhor dinâmica espacial.

Um aspecto interessante nessa intervenção é o jogo de percursos que acompanha a muralha de forma a obter um melhor reconhecimento do campo ao seu redor. Se na antiga prisão esse movimento era quase que impossível por parte dos presos, devido à segurança local, em que não podiam se aproximar muito dessa zona, hoje há possibilidade dos visitantes efectuarem esse percurso, e não só, os próprios antigos prisioneiros hoje podem ter essa experiência, de reconhecimento global do campo.

Conceptualmente trata-se de uma intervenção volumétrica através do jogo do cheio e do vazio que por sua vez se relacionam com os vários percursos, na tentativa de dinamizar a extensa área intramuro.

Criando um volume transversalmente aos dois corpos dos pavilhões, por um lado permite-nos unificar os mesmos e por outro, fortalece mais a ideia do núcleo central. Em termos programáticos, nesse novo volume funciona a recepção e o átrio de entrada do museu, que estabelece uma ligação directa com as respectivas salas de exposições (temporária e permanente). Dentro de um dos pavilhões de exposição próximo ao átrio de entrada, há um montacargas que serve para transportar os objectos para o depósito, que se encontra enterrado e que faz a ligação sala de exposição-depósito, numa extensa área que fica por baixo das duas salas de exposições.



Figura 42 – Avenida das acácias

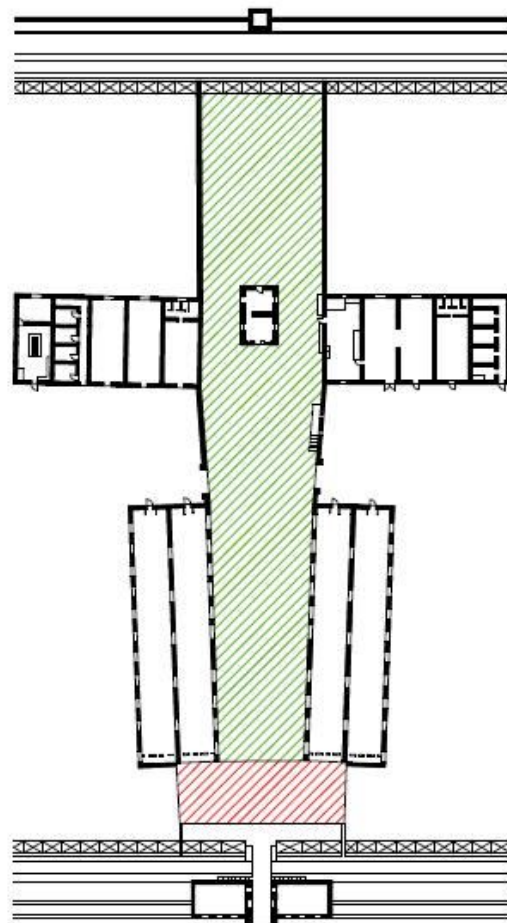


Figura 43 – Proposta: volume que estabelece a ligação recepção/salas de exposições

No que toca à dinâmica de quem entra no museu pode-se dizer que há inúmeras possibilidades de movimentos, entre os quais destacam-se três grupos distintos, um que é feito no interior da avenida em direcção à muralha com os gabinetes e sala de reunião à esquerda e salas de exposições permanentes à direita, outro que é feito no interior dos pavilhões, salas de exposição temporária, com duas alternativas viáveis e por fim o grupo que engloba os movimentos exteriores à recepção, ou seja, sem passar pela recepção pode-se optar por conhecer a cafetaria (antiga cozinha) e instalação sanitária à esquerda ou a zona destinada à biblioteca, centro educativo, livraria e auditório à direita do campo.

O volume do auditório aqui funciona como se o T do núcleo central se estendesse mais à parte menos povoada do campo (à direita do campo), servindo de remate e ao mesmo de um complemento em termos programáticos, um auditório, sempre necessário dentro de um complexo museístico. A ligação do mesmo com o antigo pavilhão C, ou seja, a área destinada às salas de exposições, onde funcionavam as celas individuais, é feita através de uma laje horizontal, servindo de elo unificador desses dois momentos, o que existe com aquilo que está por construir.

Um dos pressupostos essenciais numa intervenção dessa natureza passa pelo retorno ao passado, ou seja, utilizar elementos importantes da história do espaço tendo em vista a execução ou no complemento de aspectos necessários. Partindo desse ponto, criam-se dois volumes que outrora tiveram uma enorme importância no campo de Tarrafal, a frigideira, utilizando o espaço somente como uma área expositiva, jogando com a tal memória do lugar e a antiga lavandaria que acaba por ser um complemento à zona lúdica do campo, na conjugação da livraria com a biblioteca, servindo este como centro educativo ou mesmo como um espaço de lazer.

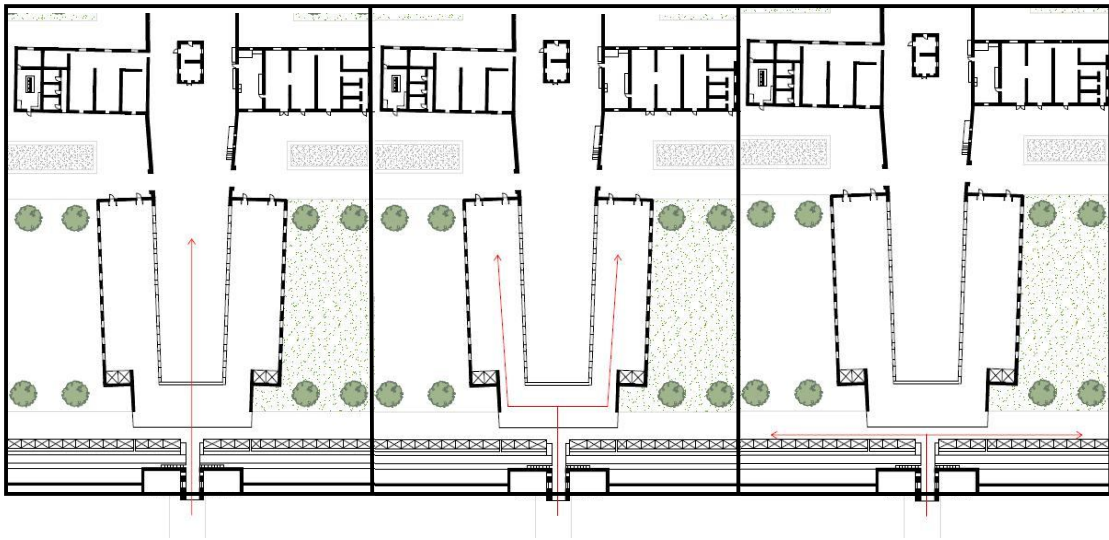


Figura 44 – Proposta: os três grupos de movimentos principais na relação átrio/sala de exposições/avenida das acácias

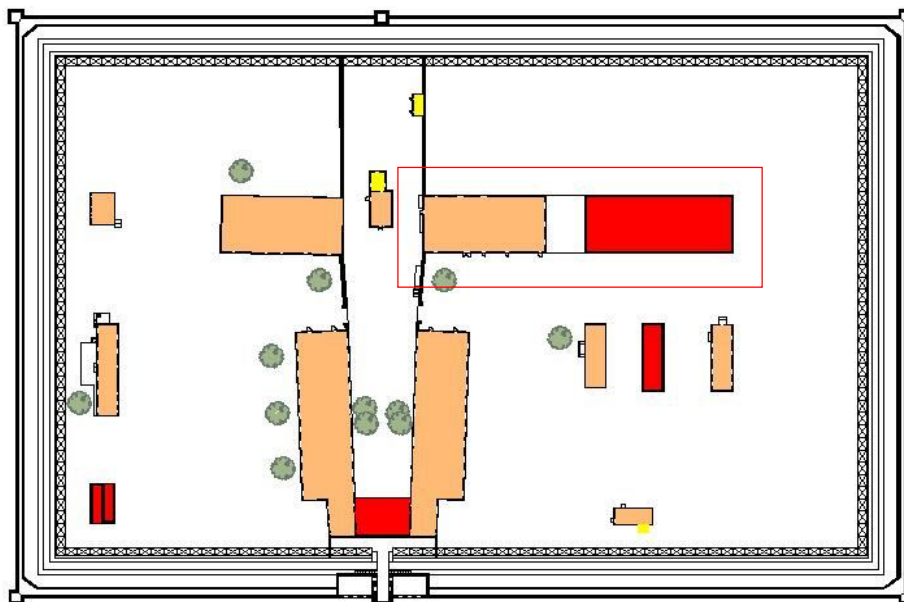


Figura 45 – Proposta: volume do auditório que estabelece a ligação com o antigo pavilhão C

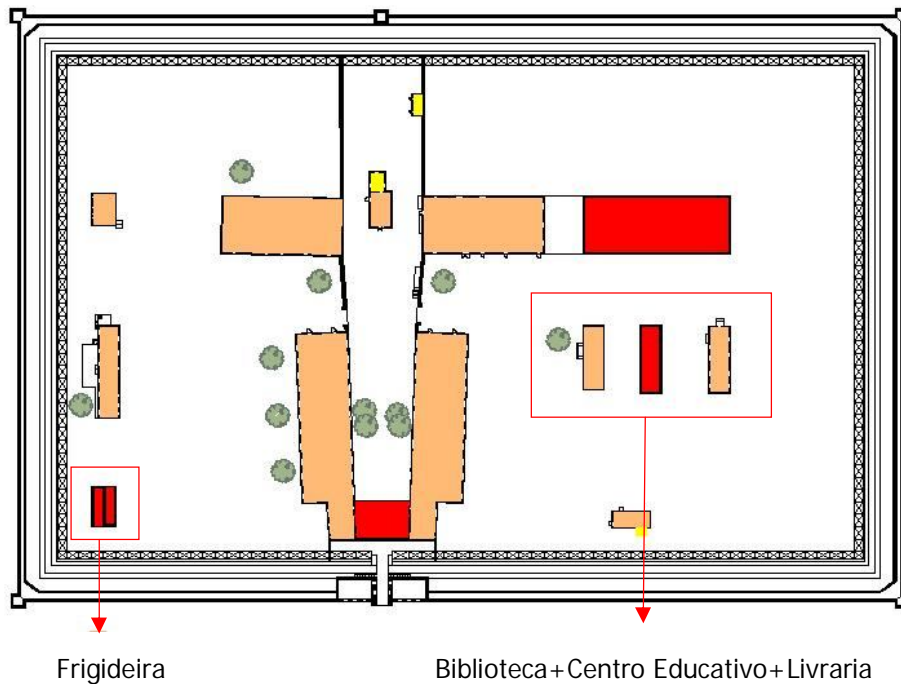
Partindo do projecto-base dessa prisão, do tipo espinhal, é necessário estabelecer uma conexão dos diferentes espaços, por sua vez feita de forma subterrânea, permitindo por um lado estabelecer uma boa dinâmica do pessoal que trabalha no museu e por outro não impede o bom funcionamento do mesmo, ou seja, os visitantes podem circular livremente no complexo.

Esse conceito é representado através da intersecção de linhas horizontais com a linha vertical já existente, o núcleo central forte, tornando-se na espinha dorsal do edifício museu, ou conjunto de edifícios que dão corpo ao museu, resultando numa sequência de funções/programas que se interagem entre si.

Em geral, pode-se afirmar que espacialmente é possível adequar a antiga prisão do Tarrafal num museu, através de uma boa dinâmica não só volumétrica como na relação percurso/volumetria, em que esses percursos se interagem de forma directa com os volumes. Esse museu tem a particularidade de permitir uma boa conexão dos elementos pertencentes ao campo.

Programa para o Museu da Resistência

- Salas de exposições temporárias
- Salas de exposições permanentes (memória do lugar)
- Arquivo / sala de montagem / depósito
- Instalação sanitária
- Administração (2 gabinetes e 1 sala de reunião)
- Auditório (460 pessoas) e apoios (régie de som e luz)
- Biblioteca
- Livraria
- Centro educativo
- Snack-bar / cafetaria
- Recepção / átrio de entrada / bilheteira



Frigideira

Biblioteca+Centro Educativo+Livraria

Figura 46 – Proposta: retorno ao passado como intervenção

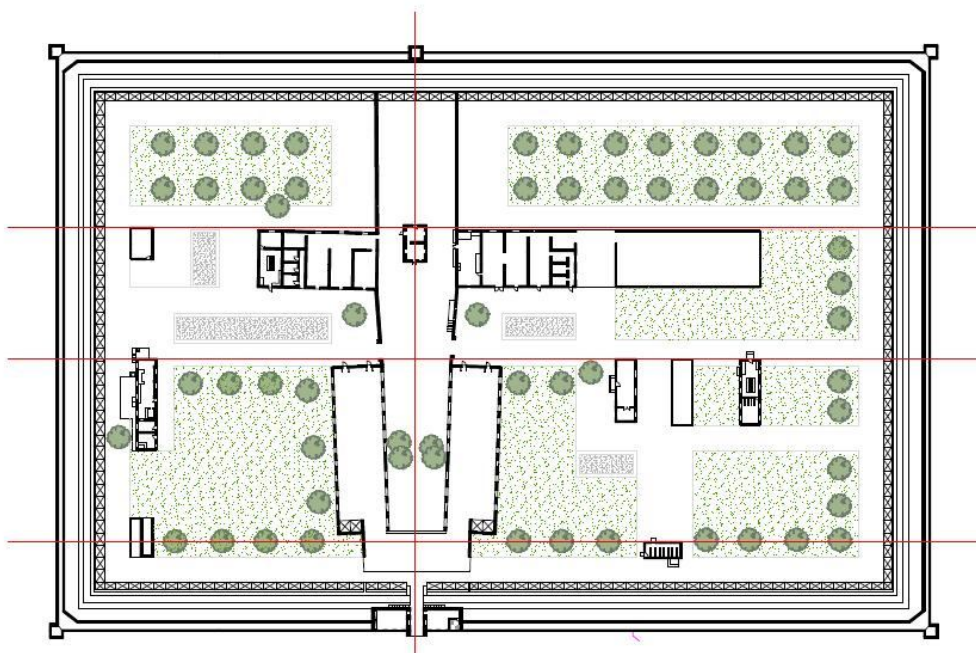


Figura 47 – Proposta: linhas programáticas do tipo espinhal que se interceptam

Conclusão

Conclusão

Abordar o tema da reconversão é bastante complexo, uma vez que intervir num património já existente leva-nos a ter em conta vários factores que de antemão condicionam o acto de projectar. A primeira preocupação prende-se na identificação e acima de tudo no respeito que se têm com o pré-existente, resultante da necessidade de encontrar uma referência física que serve de incentivo numa intervenção.

Contudo, pode-se concluir que, reconverter um edifício implica antes de mais conhecer o próprio edifício em questão, o que foi, como foi, qual o seu uso, melhor dizendo, fazer um breve apanhado histórico não só da época da sua origem como a sua própria evolução ao longo do tempo.

Um edifício que alberga uma prisão necessita de determinados requisitos que o leva a ser identificado como tal, estando por conseguinte, directamente relacionado com a segurança da população, uma vez que, é visto como sendo a “casa do criminoso” por assim dizer.

Os vários modelos penitenciários que surgiram ao longo do tempo têm uma finalidade única, de garantir a melhor segurança possível e por outro lado, numa tentativa de cumprir todos os pressupostos essenciais relacionados com o conceito aprisionar. Portanto, a arquitectura não é indiferente a esses conceitos ou teorias relacionadas com o meio.

Contudo, a esse reconhecimento do espaço envolvente, dos condicionantes subjacentes à realização de uma obra, possibilita uma maior perspicácia numa intervenção, seja de que natureza for.

Os casos de estudos referidos no presente trabalho, servem essencialmente como um meio de fortalecimento da ideia do projecto final, museu na antiga prisão do Tarrafal.

No caso da antiga penitenciária do Recife nota-se que a intervenção desenvolveu-se em prol da própria forma conceptual do edifício, o panóptico de Bentham. Aqui a arquitecta Lina Bo Bardi optou por uma intervenção minimalista, mas extremamente eficaz, não só respeita o carácter formal histórico do edifício como soube conjugá-lo com um novo desenho urbanístico, de jardins e estacionamento.

A intervenção focalizou-se na sua maior parte no exterior do edifício, limitando-se a construir elevadores panorâmicos que fortalecem a dinâmica das pessoas que visitam a casa da cultura no seu interior.

O ponto forte do panóptico, espaço central coeso, torna-se ainda mais coeso, com a colocação das luzes no exterior que se projectam no edifício dando um aspecto monumental à obra.

Tendo em vista um melhor reaproveitamento do espaço público exterior construiu-se um anfiteatro que funciona como se tratasse de uma extensão do corpo da antiga penitenciária para dentro desse “jogo” de jardins e estacionamento.

Em relação à antiga penitenciária de Badajoz conclui-se que, aqui o elemento a ser reconvertido funciona como um elo de desenvolvimento da própria região, ou seja, a reconversão não só se restringe ao espaço em si como também na tentativa de criar condições que possam fortalecer a região de Badajoz.

Aqui o arquitecto espanhol José António Galea foi muito para além do respeitar a forma do panóptico, não só se limitou a acrescentar determinadas características como também criou uma certa fractura com a história do edifício, prescindindo das suas naves radiais, conjugando desta feita o edifício

destinado à administração com um outro destinado às exposições e com o espaço exterior (jardins).

No terceiro caso de estudo, antigo campo de concentração de Dachau o carácter de intervenção vê-se extremamente limitado, não só devido à extensão da área e uma certa complexidade já de si condicionante, como a própria carga histórica que não possibilita grandes veleidades na proposta.

A intervenção focalizou-se de forma minuciosa, assumindo-se na sua maior parte no retorno ao passado, ou seja, trabalhando um pouco com a memória do lugar, na procura de uma maior identidade do espaço.

O último capítulo dá-nos a conhecer a realidade da vila de Tarrafal, a sua vivência e essencialmente a antiga prisão do Tarrafal.

Baseando-se em determinados pressupostos cruzando-os com os respectivos casos de estudo propõe-se um museu nessa antiga prisão, funcionando não só como um factor de desenvolvimento da região como também vai de encontro à memória do lugar e a uma adequação a um novo programa.

Desenhos

Desenhos

Campo de concentração do Tarrafal em 1936

Campo de concentração do Tarrafal em 1947

Campo de concentração do Tarrafal em 1961

Existente

Planta de implantação (escala 1:12000)

Planta do campo

Cortes e alçados

Proposta

Planta de cobertura

Planta do campo (Piso 0)

Planta do campo (Piso 0) - demolir/proposta

Planta do campo (Piso -1)

Cortes e alçados

Cortes e alçados - demolir/proposta

Planta de percursos

Planta do espaço público/privado

Bibliografia

Monografias

ASENSIO CERVER, Francisco – **A arquitectura de los museos**. Barcelona : Arco Editorial, 191 p. ISBN 8481851450.

BARROS, Victor – **Campo Concentração em Cabo Verde: as ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo**. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. 219 p. ISBN 9789898074935.

CÓIAS, Victor – **Reabilitação estrutural de edifícios antigos: alvenaria, madeira: técnicas pouco intrusivas**. Lisboa : Argumentum, 2007. 379 p. ISBN 9728479409.

COLÓQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL – **Reconversão e musealização de espaços industriais**. Porto : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. 185 p. ISBN 9729827737.

FERREIRA, Vanessa da Costa – **A teoria na prática do restauro italiano [e português]**. Coimbra : [s. n.], 2007. 198 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

FOUCAULT, Michel – **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis : Vozes, 1993. 280 p. ISBN 8532605087.

FRANÇA E SOUSA, Luís Vitória de – **Elaboração do projecto da colónia penal a instalar no Tarrafal em Cabo Verde**. 1934-1936. 41 f. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

GAMITO, Ana Maria Baião – **Arquitectura Prisional em Portugal. A utopia carcerária**. Coimbra : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

GUIMARÃES, Carlos – **Arquitectura e museus em Portugal: entre reinterpretação e obra nova**. Porto : FAUP, 2004. 626 p. ISBN 9729483655.

Instalação da colónia penal do Tarrafal na ilha de Santiago em Cabo Verde. 193-. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

JACINTO, António – **Sobreviver em Tarrafal de Santiago**. Luanda : Ed. Chá de Caxinde, 2000. 167 p.

LEACH, Neil – **Rethinking architecture: a reader in cultural theory**. London ; New York : Routledge, 2002. ISBN 0415128250. 409 p.

MARÇAL, Hélder Manuel Jorge – **Projecto de reconversão da cerca e edifício da penitenciária de Coimbra**. Coimbra : [s. n.], 2003. 47 p Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

OLIVEIRA, Cândido Fernandes Plácido de – **Tarrafal: o pântano da morte**. Lisboa : Editorial República, 1974. 152 p.

PEVSNER, Nikolaus – **A history of building types**. Princeton : Bollingen paperbacks, 1989. 352 p. ISBN 0691018294.

QUEIROZ, Joana Filipa Saavedra – **Pedra sobre pedra: intervir no construído**. Coimbra : [s. n.], 2008. 109 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Relatório do ante-projecto de uma colónia penal no Tarrafal de S.Tiago em Cabo Verde. 1935. 29 f. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

SANTOS, Analiza Chantre Silva Santos – **Museu do Porto Grande de Mindelo**. Coimbra : [s. n.], 2005. 62 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

SANTOS, Susan Rocha do Carmo Lopes dos – **Museu do mar: um projecto para o ilhéu de Santa Maria**. Coimbra : [s. n.], 2007. 98 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

SOARES, Pedro – **Tarrafal: campo da morte lenta**. Lisboa : Edições Avante, 75 p.

TAVARES, José Manuel Soares – **O campo de concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954)**. Lisboa : Colibri, 2006. 262 p. ISBN 9789727726936.

TRIGUEIROS, Maria Conceição Bidarra de Melo – **Da prisão à cidade punitiva, utopia e realidade**. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2000. Tese de Doutoramento.

Websites consultados

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE SANTIAGO – Dados do município do Tarrafal. [Em linha]. [Consult. 14 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.ams.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=36&Itemid=55 >

BADAJOS .AYUNTAMIENTO [Em linha]. [Consult. 13 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.aytobadajoz.es/pt/ayto/monumentos/monumento/223/meiac>>

CAMPESTRINI, Bernadete; BARTH, Elaine Maria Luz – A prisão como instrumento da pena e de reabilitação. [Em linha]. [Consult. 5 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL http://www.cce.ufsc.br/~fialho/Orienta/Prisional/capitulo_livro_trajetoria_historica.doc>

CASA DA CULTURA DE RECIFE [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.casadaculturape.com.br/aCasa.php>>

CLAUDINO, Rubinei Carlos – Fichamento do livro Vigiar e Punir [Em linha]. [Consult. 13 Março 2010] Disponível em WWW: <URL <http://www.asaf.org.br/artigos-ver.asp?codigo=60>>

COELHO, Joedison Rodrigues; SANTOS, Luciana Araújo – A transgressão penal e o mecanismo disciplinar: disciplina e controle do sujeito [Em linha]. [Consult. 4 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL <http://www.frb.br/ciente/DIR/DIR.UCSal.COELHO.etal.F2%20.pdf>>

DACHAU CONCENTRATION CAMP MEMORIAL [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.kz-gedenkstaette-dachau.de/index-e.html>>

FERNANDES, Elionaldo – O sistema penitenciário como fenómeno urbano [Em linha]. [Consult. 11 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.redligare.org/IMG/pdf/sistema_penitenciario_fenomeno_urbano.pdf>

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES – Tarrafal: memória do campo de concentração. [Em linha]. [Consult. 25 Junho 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.fmsoares.pt/aeb/dossiers/dossier15/02>>

GASPAR, Lúcia – Casa cultura: Recife [Em linha]. [Consult. 25 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=300&textCode=901&date=currentDate>>

GIARDULLO, Paulo – O Panóptico: Foucault confirma Orwell [Em linha]. [Consult. 17 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.duplipensar.net/lit/g_orwell/2003-08-panoptico.html>

KZ DACHAU [Em linha]. [Consult. 22 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.scrapbookpages.com/Dachauscrapbook/KZDachau/index.html>>

LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de – A função social do espaço penitenciário [Em linha]. [Consult. 28 Novembro 2009] Disponível em WWW: <URL: http://bdtd.ufal.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=62>

LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de – Arquitectura da penitenciária: a evolução do espaço inimigo [Em linha]. [Consult. 2 Fevereiro 2010] Disponível em WWW:

<URL: <http://www.suzanncordeiro.com/arquitetura-penitenciaria-a-evolucao-do-espaco-inimigo>>

LOPES, Ana Isabel; SANTOS, Sónia – Da sociedade disciplinar à sociedade de controle. [Em linha]. [Consult. 4 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/index.htm>>

MILANI, Carlos; DROULERS, Martine – Desenvolvimento local e turismo em Tarrafal (Cabo Verde), Paris : UNESCO 2002 [Em linha]. [Consult. 27 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL:<http://www.unesco.org/most/tarrafal.pdf>>

MISCIASCI, Elizabeth – A primeira prisão e como surgiram os presídios [Em linha]. [Consult. 5 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>

MUSEO EXTREMEÑO E IBEROAMERICANO DE ARTE CONTEMPORÁNEO [Em linha]. [Consult. 10 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.meiac.es/museum.php/?m1=2&m2=0>>

NARCISO, Raimundo – Tarrafal: «Chão Bom»? [Em linha]. [Consult. 18 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/10/25/tarrafal-%C2%ABchao-bom%C2%BB/>>

NASCIMENTO, Cristiano – O edifício como espaço analítico [Em linha]. [Consult. 5 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp459.asp>>

NEVES, Fátima Maria – Jérémy Bentham [Em linha]. [Consult. 27 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL:

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_jeremy_bentham.htm>

OLIVEIRA, Fernanda Amaral de – Os modelos penitenciários no séc. XIX [Em linha]. [Consult. 18 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.virtu.ufjf.br/artigo%206%20a%201.pdf>>

PÁGINA OFICIAL DO GOVERNO DE CABO VERDE – Ministério da Cultura reabre Museu Etnográfico da Praia [Em linha]. [Consult. 18 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.governo.cv/index.php?id=329&option=com_content&task=view>

PEREIRA, Ana Luísa – O ginásio: um panóptico de Bentham para o cuidado de si? [Em linha]. [Consult. 21 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n51/n51a07.pdf>>

PFALLER, Petra – Uma sociedade sem Prisões? [Em linha]. [Consult. 29 Dezembro 2009] Disponível em WWW: <URL: <http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/6fa67f1df12d95f6757710793eefd839.pdf>>

PIMENTEL, Irene – Alguns dados sobre o campo de concentração do Tarrafal [Em linha]. [Consult. 18 Maio 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/05/15/alguns-dados-sobre-o-campo-de-concentracao-do-tarrafal-2/>>

POMBO, Olga – Panóptico [Em linha]. [Consult. 21 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/Panoptico.htm>>

PROYETO CLER – Historia del museo y del edificio que lo alberga [Em linha]. [Consult. 10 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://web.dip-badajoz.es/proyectos/cler/museoDetalle.php?Id=27&ver=C>>

ROCHA, Francisco Canais – O campo de concentração do Tarrafal (1936-1954) [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://fiequimetal.pt/fstiep/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=471>

ROCHA, Ricardo – De museus a ruínas: os liames entre o novo e o antigo urbano [Em linha]. [Consult. 22 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg008/arg008_02.asp>

SANTOS, Juarez Cirino dos – 30 anos de vigiar e puniar (Foucault) [Em linha]. [Consult. 11 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.cirino.com.br/artigos/jcs/30anos_vigiar_punir.pdf>

SANTOS, Priscilla – Panóptico: a génese e as prisões [Em linha]. [Consult. 21 Fevereiro 2010] Disponível em WWW: <URL: http://blog.uncovering.org/archives/2007/06/panoptico_a_gen.html>

SAPO. CABO VERDE – Cabo Verde: candidatura do campo de concentração do Tarrafal a Património Mundial [Em linha]. [Consult. 7 Janeiro 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://noticias.sapo.cv/info/artigo/1039722.html>>

SILVA, Fabiana Nunes de Oliveira – Prisão, cidade e território [Em linha]. [Consult. 8 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/7/TDE-2009-04-06T091158Z-1500/Publico/Fabiana%20Nunes%20de%20Oliveira%20Silva.pdf>

SILVA, Neemias Oliveira da – Tecnologia e controle social [Em linha]. [Consult. 13 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.modernidade.hpg.ig.com.br/panoptico.htm>>

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O TARRAFAL [Em linha]. [Consult. 22 Maio 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://maismemoria.org/mm/2009/05/08/simposio-internacional-sobre-o-tarrafal/>>

SUN, Érika Wen Yih – Pena, Prisão, Penitência [Em linha]. [Consult. 30 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://bdtd.bce.unb.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4309>

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM [Em linha]. [Consult. 2 Abril 2010] Disponível em WWW: <URL: <http://www.ushmm.org/wlc/article.php?lang=en&ModuleId=10005214~>>

VENERA, Raquel Alvarenga Sena – O presídio como traço da sociedade disciplinar e o corpo disciplinado como traço da sociedade de controle. [Em linha]. [Consult. 5 Março 2010] Disponível em WWW: <URL: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_temas_venera.pdf>

Publicações periódicas

“Revista Tarrafal” Tarrafal. 2007, nº1.

Fonte das imagens

Contracapa Imagem do autor

Figura 1 http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm

Figura 2 http://bdtb.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4309

Figura 3 http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:White_Tower.JPG

Figura 4 <http://bresilfranceactualites.blogspot.com/2009/02/bastilha.html>

Figura 5 <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/Panopticon.jpg>

Figura 6 <http://www.froyd.com.ar/wp-content/uploads/2009/08/24gkqkp1.jpg>

Figura 7 http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/7/TDE-2009-04-06T091158Z-1500/Publico/Fabiana%20Nunes%20de%20Oliveira%20Silva.pdf

Figura 8 http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/7/TDE-2009-04-06T091158Z-1500/Publico/Fabiana%20Nunes%20de%20Oliveira%20Silva.pdf

Figura 9

http://www.dailyitem.com/archivesearch/images_sizedimage_190063657/resources_photoview

Figura 10 GAMITO, Ana Maria Baião – *Arquitetura Prisional em Portugal. A utopia carcerária*. Coimbra. Janeiro 2001 p. 31

Figura 11 http://bdtb.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4309

Figura 12

http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/fotos_antigas/1casadacultura.htm

Figura 13 Google Earth 3 Fevereiro 2010

Figura 14 <http://pernambucobeat.files.wordpress.com/2008/04/casa-da-cultura-21.jpg>

Figura 15 <http://i272.photobucket.com/albums/jj195/zinho2008/tiagobody7.jpg>

Figura 16 <http://img261.imageshack.us/i/casaculturadentrosc022qv8.jpg/>

Figura 17 <http://www.ceci-br.org/ceci/images/stories/ceci/1332913015422f258e9935d.jpg>

Figura 18 http://pasandodelaraya.blogspot.com/2007_04_01_archive.html

Figura 19 <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=523319>

Figura 20 <http://img269.imageshack.us/img269/8159/sinttulozi.png>

Figura 21 http://alicerces1.blogspot.com/2008_06_01_archive.html

Figura 22 http://www.aytobadajoz.es/imagenes/ayto/2007_08/500_51.mu_eiac.jpg

Figura 23 <http://www.scrapbookpages.com/Dachauscrapbook/KZDachau/index.html>

Figura 24 http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Concentration_camp_dachau_aerial_view.jpg

Figura 25 <http://phototravel.blogspot.com/2006/11/dachau-concentration-camp.html>

Figura 26 <http://phototravel.blogspot.com/2006/11/dachau-concentration-camp.html>

Figura 27 <http://www.cityscouter.com/pictures/munich/Dachau-Concentration-Camp-Photos.html>

Figura 28 Imagem gentilmente cedida por Ricardo Mendes

Figura 29 <http://www.ams.cv>

Figura 30 <http://www.ecaboverde.com/img3481.htm?l=cabo-verde>

Figura 31 Google Earth 10 Maio 2010

Figura 32 <http://www.ams.cv>

Figura 33 http://www.pcp.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=6685&Itemid=245

Figura 34 Imagem do autor

Figura 35 http://www.pcp.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=6685&Itemid=245

Figura 36 TAVARES, José Manuel Soares. *O Campo de Concentração do Tarrafal: a origem e o quotidiano (1936-1954)*. Lisboa, Colibri, 2006, pp. 80

Figura 37 <http://ima.dada.net/image/medium/7005593.jpg>

Figura 38 Imagem do autor

Figura 39 Imagem do autor

Figura 40 Google Earth 17 Maio 2010

Figura 41 Google Earth 17 Maio 2010

Figura 42 Imagem do autor

Anexos